

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

# OUTLANDER

UM SOPRO DE NEVE E CINZAS

LIVRO 6

NÃO PERCA A  
6ª TEMPORADA DE  
OUTLANDER, NO

**STAR+**

DIANA GABALDON

# OUTLANDER

Título original: *A Breathe of Snow and Ashes*

Copyright © 2005 por Diana Gabaldon  
Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Fernanda Abreu e Mariana Serpa

*preparo de originais:* Diogo Henriques

*revisão:* Ana Grillo, Ana Kronemberger, Hermínia Totti e Milena Vargas

*diagramação:* Valéria Teixeira

*capa:* Saída de Emergência

*imagem de capa:* Joana Kruse/ Arcangel Image

*impressão e acabamento:* Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G111o Gabaldon, Diana

Outlander: um sopro de neve e cinzas/ Diana Gabaldon;  
tradução de Fernanda Abreu, Mariana Serpa. São Paulo:  
Arqueiro, 2018.

1.168 p.; 16 x 23 cm. (Outlander; 6)

Tradução de: A breath of snow and ashes

Sequência de: Outlander: a cruz de fogo

ISBN 978-85-8041-805-7

1. Ficção americana. I. Abreu, Fernanda. II. Serpa, Mariana.  
III. Título. IV. Série.

18-48498

CDD 813

CDU 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br  
www.editoraarqueiro.com.br

## PRÓLOGO

O tempo é uma das muitas coisas que se diz que Deus é.

Há o fato de ser sempre preexistente, e o fato de não ter fim. Há o conceito de ser todo-poderoso... pois nada pode resistir ao tempo, certo? Nem montanhas, nem exércitos.

E o tempo, claro, cura tudo. Basta dar tempo *suficiente* a qualquer coisa e tudo se resolve: toda a dor é contida, toda a dificuldade apagada, toda a perda absorvida.

Das cinzas às cinzas, do pó ao pó. Lembra-te, homem, de que tu és pó, e ao pó voltarás.

E, se o Tempo se parece com Deus, imagino que a Memória deva ser o Diabo.

PARTE I

Rumores de guerra



## UMA CONVERSA INTERROMPIDA

O cachorro foi o primeiro a pressentir sua presença. De tão escuro que estava, Ian Murray sentiu, mais do que viu, a cabeça de Rollo se erguer de repente junto à sua coxa, as orelhas se empinarem. Encostou a mão no pescoço do cão e sentiu os pelos ali eriçados de alerta.

Os dois eram tão sintonizados um com o outro que ele nem pensou “homens” de modo consciente, mas levou a outra mão à faca e permaneceu deitado sem se mexer, respirando. À escuta.

A floresta estava silenciosa. Faltavam horas para o amanhecer, e o ar estava parado como dentro de uma igreja, com uma névoa semelhante a incenso a se erguer devagar do chão. Ele havia se deitado para descansar sobre o tronco caído de um gigantesco tulipeiro-da-virgínia, pois preferia as cócegas dos bichos da madeira à umidade penetrante. Manteve a mão pousada no cão e aguardou.

Rollo rosnava, um ronco baixo e constante que Ian mal conseguia escutar, mas que podia com facilidade sentir, e cuja vibração lhe subia pelo braço e despertava todos os nervos de seu corpo. Não estava dormindo, agora raramente dormia à noite, mas estava tranquilo, com os olhos pregados na abóbada celeste, entretido em seu debate habitual com Deus. O movimento de Rollo tinha posto fim a essa tranquilidade. Ele se sentou devagar e dependurou as pernas na lateral do tronco meio apodrecido, o coração batendo depressa agora.

O alerta de Rollo não havia se alterado, mas sua grande cabeça se moveu, acompanhando algo invisível. Era uma noite sem lua; Ian conseguia distinguir as débeis silhuetas das árvores e as sombras moventes da noite, mas nada além disso.

Então os escutou. Ruídos de algo passando. A uma boa distância, mas cada vez mais próximos. Levantou-se e pisou de leve na poça negra debaixo de um abeto-bal-sâmico. A um estalo de sua língua, Rollo parou de rosnar e o seguiu, tão silencioso quanto o lobo que fora seu pai.

Do local de repouso de Ian dava para ver uma trilha de caça. Os homens que vinham por ela não estavam caçando.

*Homens brancos.* Isso era estranho, e mais do que estranho. Ele não podia vê-los, mas nem precisava: os barulhos que faziam eram inconfundíveis. Índios não eram silenciosos quando viajavam, e muitos habitantes das Terras Altas entre os quais vivia eram capazes de se mover qual fantasmas na mata... mas ele não teve a menor dúvida. Metal, era isso. Estava ouvindo o chacoalhar de arreios, o estalo de botões e fivelas – e dos canos das armas.

*Muitos.* Tão próximos que começou a sentir o cheiro deles. Inclinou-se um pouco para a frente, com os olhos fechados, para farejar melhor qualquer pista que conseguisse.

Eles levavam peles – nessa hora sentiu o cheiro de sangue seco e pelo frio que decerto havia acordado Rollo –, mas certamente não eram daqueles que capturavam animais com armadilhas, por serem numerosos demais. Caçadores andavam sozinho ou em duplas.

Homens pobres, sujos. Não preparavam armadilhas nem eram caçadores. Embora fosse fácil achar animais naquela estação, eles tinham cheiro de fome. E exalavam o suor da bebida de má qualidade.

Agora estavam perto, talvez a 3 metros de onde ele estava. Rollo emitiu um leve resfolego e Ian fechou novamente a mão no pescoço do animal, mas os homens faziam barulho demais para poderem ouvir. Contou os passos, as batidas dos cantis e das caixas de munição, grunhidos de pés doloridos e suspiros de cansaço.

Vinte e três homens, calculou, e junto com eles uma mula... ou melhor, duas. Pôde ouvir o rangido de alforjes cheios e aquela respiração pesada e relutante de uma mula carregada, sempre a ponto de reclamar.

Os homens jamais teriam detectado os dois, mas algum capricho do vento levou o cheiro de Rollo até as mulas. Um relincho ensurdecedor dominou a escuridão, e a floresta à sua frente explodiu numa algaravia de pancadas e gritos de surpresa. Ian já estava correndo quando tiros de pistola estouraram atrás dele.

– *A Dhia!*

Algo o atingiu na cabeça e ele caiu de bruços. Será que morreria?

Não. Rollo encostou um focinho úmido e preocupado em sua orelha. Sua cabeça zumbia feito uma colmeia, e ele via clarões brilhantes de luz diante dos olhos.

– *Corra! Ruith!* – disse ele, arquejante, empurrando o cachorro. – Corra para longe!

O cão hesitou e produziu um ganido bem no fundo da garganta. Ian não conseguiu ver, mas sentiu o corpanzil se projetar e se virar para trás, indeciso.

– *Ruith!*

Ficou de quatro para dar o exemplo e o cão por fim obedeceu e começou a correr como fora treinado.

Não havia tempo para ele próprio correr, mesmo que tivesse conseguido ficar em pé. Ele caiu de bruços, enfiou as mãos e os pés bem fundo nas folhas bolorentas e se contorceu feito um louco para se enterrar ali.

Um pé lhe deu um pisão entre as escápulas, mas o ar que ele expeliu dos pulmões foi abafado pelas folhas úmidas. Com todo o barulho que estavam fazendo, isso não teve importância. Quem pisou nele nem percebeu; foi apenas de raspão e o homem passou por cima dele em pânico, sem dúvida tomando-o por um tronco podre.

Os tiros cessaram. Os gritos não, mas ele não entendeu o que diziam. Sabia que estava deitado de cara no chão, sentindo a friagem úmida nas bochechas e o cheiro

forte de folhas mortas no nariz, mas teve a sensação de estar muito bêbado e de que o mundo girava lentamente ao seu redor. Sua cabeça não doía muito após a primeira explosão de dor, mas ele não parecia capaz de levantá-la.

Pensou vagamente que, se morresse ali, ninguém saberia. Sua mãe acharia ruim não saber o que acontecera com o filho, pensou.

Os barulhos se fizeram mais débeis, mais ordenados. Alguém ainda berrava, mas a voz tinha um tom de comando. Eles estavam indo embora. Ocorreu-lhe de modo difuso que poderia chamá-los. Se soubessem que ele era branco, talvez o ajudassem. Ou talvez não.

Continuou calado. Se estivesse morrendo, não havia ajuda possível. Se não estivesse, não precisava de nenhuma ajuda.

*Bom, eu pedi, afinal, não foi?*, pensou, retomando a conversa com Deus, tão calmo quanto se ainda estivesse deitado tranquilo no tronco do tulipeiro, com os olhos erguidos para a vastidão do firmamento lá em cima. *Um sinal, falei. Só não esperava que o Senhor fosse atender tão depressa.*

## 2

### CHALÉ HOLANDÊS

*Março de 1773*

Ninguém sabia que o chalé existia até Kenny Lindsay ver as chamas quando estava subindo o riacho.

– Eu não teria visto nada – disse ele, talvez pela sexta vez – não fosse o cair da noite. Se estivesse de dia eu nunca teria sabido, nunca. – Correu uma das mãos trêmulas pelo rosto, sem conseguir desgrudar os olhos da fileira de cadáveres que jazia na orla da floresta. – Foram selvagens, *Mac Dubh*? Não tem ninguém escalpelado, mas talvez...

– Não. – Jamie tornou a pousar delicadamente o lenço sujo de fuligem sobre o rosto de olhos azuis vidrados de uma menina pequena. – Nenhum deles está ferido. Você deve ter visto isso quando os tirou de lá, não?

Lindsay fez que não com a cabeça, de olhos fechados, e foi percorrido por um estremecimento convulso. Era fim de tarde, um dia gelado de primavera, mas os homens todos suavam.

– Eu não olhei – disse ele apenas.

Minhas próprias mãos pareciam gelo, tão anestesiadas e insensíveis quanto a carne borrachuda da mulher morta que eu estava examinando. Fazia mais de um dia que eles tinham morrido; a rigidez cadavérica já havia passado, deixando-os flácidos e gelados, mas o tempo frio da primavera na montanha os preservara até aquele momento das indignidades mais repulsivas da putrefação.



Mesmo assim, mantive a respiração curta; o cheiro de queimado deixava o ar amargoso. Filetes de vapor subiam de vez em quando da ruína carbonizada do pequeno chalé. Com o canto do olho, vi Roger chutar um pedaço de lenha ali perto, em seguida se curvar e recolher algo do chão embaixo dele.

Kenny havia esmurrado nossa porta bem antes de o dia nascer, tirando-nos de camas quentinhas. Tínhamos vindo às pressas, embora soubéssemos que chegaríamos tarde para oferecer qualquer ajuda. Alguns dos arrendatários das fazendas da Cordilheira dos Frasers também tinham vindo; Evan, irmão de Kenny, estava em pé junto com Fergus e Ronnie Sinclair num pequeno grupo debaixo das árvores, conversando baixinho em gaélico.

– Sabe o que os matou, Sassenach? – De cócoras ao meu lado, Jamie tinha o semblante aflito. – Aqueles debaixo das árvores, quero dizer. – Ele meneou a cabeça para o cadáver na minha frente. – Eu sei o que matou essa pobre coitada.

A longa saia da mulher esvoaçou ao vento e levantou, deixando à mostra pés compridos e magros calçados com tamancos de couro. Um par de mãos compridas jazia inerte junto às laterais do corpo. Era uma mulher alta, embora não tanto quanto Brianna, pensei, e olhei em volta automaticamente à procura dos cabelos brilhantes da minha filha, a mover-se por entre os galhos do outro lado da clareira.

Eu tinha suspenso o avental da mulher para lhe cobrir a cabeça e a parte superior do corpo. Suas mãos eram vermelhas, com os nós calejados pelo trabalho e as palmas grossas, mas pela firmeza das coxas e a esbeltez do corpo pensei que ela não devia ter mais de 30 anos... provavelmente bem menos. Ninguém era capaz de dizer se tinha sido bonita.

O comentário de Jamie me fez balançar a cabeça.

– Não acho que ela tenha morrido por causa do incêndio – falei. – As pernas e os pés estão intactos, está vendo? Ela deve ter caído dentro da lareira. Os cabelos pegaram fogo, e o fogo se espalhou até os ombros do vestido. Ela deve ter caído perto o suficiente da parede ou da cobertura da chaminé para que as chamas os alcançassem, e então o chalé inteiro pegou fogo.

Jamie aquiesceu devagar, com os olhos pregados na morta.

– É, faz sentido. Mas o que foi que os matou, Sassenach? Os outros estão um pouco chamuscados, mas ninguém está queimado desse jeito. Acho que já deviam estar mortos quando o chalé pegou fogo, pois nenhum deles saiu correndo. Será que foi uma doença mortal?

– Acho que não. Deixe-me olhar os outros de novo.

Percorri lentamente a fileira de corpos imóveis, com seus rostos cobertos de tecido, e me abaixei junto a cada um deles para espiar outra vez por baixo das mortalhas improvisadas. Naqueles dias, sem antibióticos e sem a possibilidade de administrar fluidos a não ser pela boca ou pelo reto, muitas doenças podiam ser mortais, e um simples caso de diarreia podia matar em 24 horas.

Eu via essas coisas com frequência suficiente para reconhecê-las facilmente; qualquer médico vê, e eu era médica havia mais de vinte anos. De vez em quando via coisas naquele século com as quais jamais havia me deparado no meu, em especial doenças parasitárias horríveis trazidas dos trópicos junto com o tráfico de escravos, mas não fora um parasita que causara o fim daquelas pobres almas, e nenhuma doença que eu conhecia deixava aqueles sinais nas vítimas.

Todos os corpos, a mulher queimada, uma outra bem mais velha e três crianças, tinham sido encontrados dentro da casa em chamas. Kenny os havia tirado de lá pouco antes de o telhado ruir, e em seguida fora buscar ajuda a cavalo. Todos já estavam mortos antes de o incêndio começar; todos deviam ter morrido praticamente ao mesmo tempo, pois com certeza o fogo começara a arder pouco depois de a mulher cair morta na lareira, ou não?

As vítimas haviam sido dispostas de forma ordenada sob os galhos de um gigantesco espruce-vermelho enquanto os homens começavam a cavar uma cova ali perto. Brianna estava postada junto à mais nova das meninas, de cabeça baixa. Fui me ajoelhar junto ao corpinho, e ela se ajoelhou em frente a mim.

– O que foi? – indagou, baixinho. – Veneno?

Ergui os olhos para ela, surpresa.

– Acho que sim. O que a fez pensar isso?

Ela meneou a cabeça para o rosto matizado de azul na nossa frente. Havia tentado fechar os olhos da menina, mas estes se esbugalhavam para fora das órbitas, deixando a pequena com uma expressão de horror e espanto. Os traços pequeninos e duros estavam contorcidos num ríctus de agonia, e havia restos de vômito nos cantos da boca.

– Manual da escoteira – respondeu Brianna. Relanceou os olhos para os homens, mas ninguém estava perto o suficiente para escutar. Sua boca tremeu e ela tirou os olhos do cadáver ao mesmo tempo que estendia a mão aberta. – *Nunca coma nenhum cogumelo estranho* – citou. – *Há muitas variedades venenosas, e distinguir uma da outra é trabalho para especialistas.* Roger encontrou estes brotando em disposição de anel perto daquele pedaço de madeira ali.

Copas úmidas e carnudas, de um marrom bem claro com pintas brancas parecendo verrugas, as guelras abertas e talos finos tão claros que pareciam quase fosforescentes à sombra do espruce. Tinham um aspecto agradável, terroso, que desmentia seu caráter letal.

– Cogumelos-pantera – falei, meio para mim mesma, e recolhi um deles com cuidado da palma da mão de Brianna. – *Agaricus pantherinus...* ou pelo menos assim serão chamados quando alguém se der o trabalho de classificá-los. *Pantherinus* por matarem tão depressa... como o ataque de um felino.

Pude ver o arrepio percorrer o antebraço de Brianna, eriçando os pelos macios e dourados com reflexos avermelhados. Ela virou a mão e largou no chão o resto dos fungos mortais.

– Quem, em sã consciência, iria comer cogumelos? – indagou ela, limpando a mão na saia com um leve calafrio.

– Gente que não sabia. Gente que estava com fome, talvez – respondi baixinho.

Segurei a mão da menininha e apalpei os ossos delicados do antebraço. O ventre pequenino exibia sinais de inchaço, embora eu não soubesse dizer se era devido à desnutrição ou às mudanças ocorridas após a morte, mas as clavículas eram afiadas como as lâminas de uma foice. Todos os cadáveres eram magros, ainda que não chegassem a estar emaciados.

Ergui os olhos para as sombras azul-escuras lançadas pelo flanco da montanha acima do chalé. Ainda estava cedo no ano para catar alimentos, mas havia comida de sobra na floresta... para quem soubesse reconhecer.

Jamie se aproximou, ajoelhou-se ao meu lado e, com suavidade, pousou sua mão enorme nas minhas costas. Apesar do frio, um filete de suor escorria por seu pescoço, e seus fartos cabelos ruivos estavam escurecidos nas têmporas.

– A cova está pronta – disse ele, baixinho, como para não alarmar a criança. – Foi isso que matou a menina?

Ele indicou com a cabeça os cogumelos espalhados pelo chão.

– Acho que sim... e os outros também. Você olhou em volta? Alguém sabe quem eram eles?

Jamie fez que não com a cabeça.

– Não são ingleses, as roupas estão erradas. Alemães com certeza teriam ido para Salem, pois são almas clônicas, sem inclinação para se assentarem sozinhas. Talvez fossem holandeses. – Ele meneou a cabeça em direção aos tamancos de madeira talhada nos pés da velha, rachados e manchados de tanto uso. – Não sobrou nenhum livro nem nada escrito, se é que havia algo antes. Nada que possa revelar o nome deles. Mas...

– Não fazia muito tempo que estavam aqui.

Uma voz baixa e rouca me fez olhar para cima. Roger havia se aproximado; agachou-se junto a Brianna e meneou a cabeça em direção aos restos fumegantes do chalé. Uma pequena horta havia sido demarcada na terra ali perto, mas as poucas plantas que nela despontavam não passavam de brotos, com as folhas tenras murchas e escurecidas pela geada tardia. Não havia barracões, nenhum sinal de animais, nenhuma mula ou porco.

– Emigrantes recém-chegados – continuou Roger baixinho. – Não eram escravos por dívida, isto aqui era uma família. Tampouco estavam acostumados com o trabalho ao ar livre: as mãos das mulheres têm bolhas e cicatrizes recentes.

Sua mão larga esfregou de maneira distraída o joelho da calça de fabricação caseira. As palmas agora estavam tão uniformemente calejadas quanto as de Jamie, mas Roger costumava ser um acadêmico de pele fina; ainda recordava a dor de se acostumar à lida.

– Fico pensando se eles deixaram alguém para trás... na Europa – murmurou Brianna. Afastou os cabelos louros da testa da menina e tornou a pousar o lenço sobre o rosto. Vi seu pescoço se mover quando ela engoliu em seco. – Eles nunca vão saber o que aconteceu.

– Não. – Jamie se levantou de chofre. – Dizem que Deus protege os tolos... mas acho que até mesmo o Todo-Poderoso perde a paciência de vez em quando. – Ele virou as costas e acenou para Lindsay e Sinclair. – Procurem o homem – falou para Lindsay.

Todas as cabeças se levantaram para encará-lo.

– O homem? – repetiu Roger, então lançou um olhar abrupto para os restos queimados do chalé e foi começando a entender. – É... quem construiu o chalé para eles?

– Podem ter sido as mulheres que construíram – disse Bree, empinando o queixo.

– Sim, *você* até poderia – disse Roger, e sua boca se retorceu de leve quando ele olhou de viés para a esposa.

Brianna tinha mais do que o colorido em comum com Jamie: media 1,83 metro sem sapatos, e tinha a mesma força e os mesmos membros esguios do pai.

– Talvez pudessem ter sido elas, mas não foram – disse Jamie, sucinto, movendo a cabeça em direção aos escombros do chalé, onde algumas peças de mobília ainda conservavam seus formatos frágeis.

Enquanto eu olhava para lá, o vento da noite chegou e soprou sobre a ruína, e a sombra de um banquinho virou cinzas sem fazer ruído, volutas de fuligem e carvão a se mover como fantasmas rente ao chão.

– Como assim?

Levantei-me, fui até o lado dele e olhei para dentro da casa também. Não restava praticamente nada lá dentro, embora o duto da chaminé ainda estivesse de pé e houvessem sobrado pedaços irregulares das paredes, as toras de madeira desabadas como num jogo de pega-varetas.

– Não há nada de metal – disse ele, meneando a cabeça para a lareira empretecida onde jaziam os restos de um caldeirão rachado por causa do calor, seu conteúdo evaporado. – Nenhuma panela a não ser essa daí... e ela é pesada demais para ser transportada. Nenhuma ferramenta. Nem faca, nem machado... e dá para ver que quem construiu isto aqui tinha essas coisas.

Dava mesmo: as madeiras ainda tinham a casca, mas os entalhes e pontas exibiam as marcas nítidas de um machado.

Franzindo o cenho, Roger catou um longo galho de pinheiro e começou a revirar as pilhas de cinzas e entulho à procura de algo que lhe desse certeza. Kenny Lindsay e Sinclair não se deram esse trabalho; Jamie tinha lhes dito para procurar um homem, e eles partiram sem demora para obedecer à ordem, desaparecendo mata adentro. Fergus fora com eles; Evan Lindsay, seu irmão Murdo e os McGillivrays deram início à tarefa de catar pedras para um monumento funerário.

– Se havia *mesmo* um homem... será que ele as abandonou? – murmurou Brianna para mim, alternando o olhar entre o pai e a fileira de corpos. – Será que essa mulher pensou que eles não iriam sobreviver sozinhos?

E, portanto, tirara a própria vida, e a dos filhos, para evitar uma morte lenta de frio e de fome?

– Deixá-las aqui e levar todas as ferramentas? Meu Deus, espero que não. – Ao pensar nisso, fiz o sinal da cruz, embora o fizesse sem muita convicção. – Elas não teriam saído daqui e procurado ajuda? Mesmo com crianças... a neve já derreteu quase toda.

Somente os mais altos desfiladeiros de montanha continuavam cobertos de neve, e embora as trilhas e encostas estivessem molhadas e enlameadas por causa da neve derretida, fazia pelo menos um mês que se podia percorrê-las.

– Achei o homem – disse Roger, interrompendo meus pensamentos. Ele falou com uma voz muito calma, mas parou para limpar a garganta com um pigarro. – Logo... logo ali.

O dia começava a escurecer, mas pude ver que Roger havia empalidecido. Não era de espantar: a forma encolhida que Roger havia desencavado de baixo das madeiras carbonizadas de uma parede em ruínas era medonha o bastante para fazer qualquer um se impressionar. Consumida pelo fogo até ficar inteiramente negra, com as mãos erguidas na postura de boxeador tão comum nas pessoas mortas pelo fogo, era difícil até ter certeza de que se tratava *mesmo* de um homem... embora eu tenha achado que sim, pelo que pude ver.

Qualquer especulação relativa a esse novo cadáver foi interrompida por um grito da orla da floresta:

– Nós os encontramos, milorde!

Todos ergueram os olhos que contemplavam o novo cadáver e viram Fergus aceitando da beira da mata.

Eram dois homens dessa vez. Esparramados no chão à sombra das árvores, encontrados não juntos, mas não muito distantes um do outro, apenas a uma curta distância da casa. E ambos, até onde eu podia constatar, decerto mortos após consumirem cogumelos venenosos.

– *Este aqui* não é nenhum holandês – disse Sinclair pelo que devia ser a quarta vez, balançando a cabeça acima de um dos corpos.

– Talvez seja – falou Fergus, em tom de dúvida. Coçou o nariz com a ponta do gancho que usava no lugar da mão esquerda. – Das Índias, *non*?

Um dos corpos desconhecidos era de fato o de um homem negro. O outro era branco, e ambos vestiam roupas sem qualquer característica especial, de fabricação caseira, camisas e calças; apesar do frio, não usavam casaco. E estavam os dois descalços.

– Não. – Jamie balançou a cabeça enquanto esfregava uma das mãos distraidamente na calça, como para se livrar do contato dos mortos. – É, os holandeses têm

escravos em Barbuda... mas estes aqui estão mais bem alimentados do que o pessoal do chalé. – Ele empinou o queixo em direção à fileira silenciosa de mulheres e crianças. – Estes homens não moravam aqui. Além do mais... – Vi seus olhos se fixarem nos pés dos mortos.

Os pés estavam encardidos na altura dos tornozelos e muito calejados, mas basicamente limpos. As solas do negro tinham um cor-de-rosa amarelado, sem marcas de lama ou folhas soltas presas entre os dedos. Aqueles homens não haviam caminhado descalços pela floresta lamacenta, isso era certo.

– Então talvez houvesse mais homens? E quando estes daqui morreram, os companheiros tiraram seus sapatos, e qualquer outra coisa de valor... – acrescentou Fergus, prático, gesticulando do chalé queimado para os corpos descalços. – ... e fugiram.

– É, pode ser.

Jamie franziu os lábios e seu olhar se moveu devagar pela terra do quintal... mas o chão estava revirado por vários passos, com tufo de grama soltos e inteiramente cobertos por uma fina camada de cinzas e pedaços de madeira carbonizada. O lugar parecia ter sido devastado por uma manada de hipopótamos.

– Queria que o Jovem Ian estivesse aqui. Ele é o melhor dos rastreadores; talvez pelo menos pudesse nos dizer o que aconteceu. – Indicou com a cabeça a mata onde os homens tinham sido encontrados. – Quantos homens eram, quem sabe, e para onde foram.

O próprio Jamie não era um mau rastreador. Mas a luz agora esmaecia depressa; mesmo na clareira onde ficava o chalé incendiado, a escuridão já se adensava, empochando debaixo das árvores e escorrendo feito óleo pela terra revirada.

Seus olhos miraram o horizonte, onde nuvens esgarçadas começavam a luzir, douradas e cor-de-rosa, à medida que o sol se punha atrás delas, e ele balançou a cabeça.

– Enterrem-nos. Depois vamos embora.

Restava ainda uma descoberta sinistra. O homem queimado era o único entre os mortos a não ter morrido nem pelo fogo, nem por veneno. Quando eles levantaram o cadáver carbonizado das cinzas para levá-lo até a cova, algo se soltou do corpo e aterrisou no chão com um ruído breve e pesado. Brianna recolheu o objeto e o esfregou com o canto do avental.

– Acho que eles não viram isto daqui – falou, um pouco desanimada, estendendo-o.

Era uma faca. O cabo de madeira havia sido consumido por completo e a lâmina estava deformada por causa do calor.

Fazendo força para suportar o fedor espesso e acre de gordura e carne queimadas, curvei-me acima do cadáver e examinei com cuidado o tronco. O fogo destrói muita coisa, mas preserva as mais estranhas. O ferimento triangular estava bem visível, chamuscado na depressão abaixo das costelas.

– Ele levou uma facada – falei, e limpei as mãos suadas em meu avental.

– Eles o mataram – disse Bree, me encarando. – Depois a esposa... – Ela olhou de

relance para a jovem caída no chão, com o avental a lhe cobrir a cabeça. – Ela fez um guisado com os cogumelos, e todos comeram. As crianças também.

Tirando o canto distante dos pássaros na montanha, a clareira estava silenciosa. Eu podia escutar meu coração batendo dolorosamente dentro do peito. Teria sido vingança? Ou apenas desespero?

– É, pode ser – disse Jamie baixinho. Abaixou-se para segurar uma das pontas da lona sobre a qual eles haviam deitado o morto. – Nós vamos chamar de acidente.

O holandês e sua família foram postos numa cova, os dois desconhecidos na outra.

Um vento frio tinha se erguido depois de o sol se pôr; o avental foi soprado para longe do rosto da mulher quando eles a levantaram. Sinclair soltou um grito engasgado de choque e quase a deixou cair.

Ela não tinha mais rosto nem cabelos, a cintura fina se estreitava de maneira abrupta numa ruína carbonizada. A carne da cabeça fora consumida por completo, deixando um crânio estranhamente pequenino e enegrecido, onde os dentes se arreganhavam com uma leveza desconcertante.

Eles a baixaram apressadamente para dentro da cova rasa, com os filhos e a mãe ao seu lado, e Brianna e eu fomos encarregados de construir um monumento de pedras sobre o túmulo – segundo o antigo costume escocês, para marcar o lugar e proporcionar proteção contra os animais selvagens – enquanto um local de descanso mais rudimentar era escavado para os dois homens descalços.

Com o trabalho enfim concluído, todos se reuniram, pálidos e calados, ao redor dos montinhos recém-feitos. Vi Roger se postar bem ao lado de Brianna, com o braço passado de modo protetor ao redor de sua cintura. Um leve calafrio a percorreu, e senti que não tinha nada a ver com o frio. O filho do casal, Jemmy, era cerca de um ano mais novo do que a menor das meninas.

– Pode dizer algumas palavras, *Mac Dubh*?

Kenny Lindsay olhou para Jamie com uma expressão interrogativa ao mesmo tempo que puxava o gorro de tricô para proteger as orelhas do frio que se intensificava.

A noite estava quase caindo, e ninguém queria se demorar ali. Teríamos de montar acampamento em algum lugar bem longe do fedor do incêndio, e isso já seria difícil o suficiente no escuro. Mas Kenny tinha razão: não podíamos ir embora sem pelo menos um arremedo de cerimônia, alguma despedida para aqueles desconhecidos.

Jamie fez que não com a cabeça.

– Não, deixe Roger Mac falar. Se essa gente era holandesa, provavelmente devia ser protestante.

Apesar da luz mortiça, vi o olhar incisivo que Brianna lançou para o pai. De fato, Roger era presbiteriano; Tom Christie também, um homem bem mais velho cujo semblante azedo refletia sua opinião em relação àqueles procedimentos. Mas a questão religiosa não passava de um pretexto, e todos sabiam disso, inclusive Roger.

Roger limpou a garganta com um pigarro que lembrou um tecido se rasgando.

Aquele era sempre um barulho dolorido. Nesse dia, havia raiva nele também. Mas Roger não protestou, e encarou Jamie ao ocupar seu lugar na cabeceira do túmulo.

Pensei que ele fosse simplesmente rezar o pai-nosso, ou quem sabe um dos salmos mais brandos. Mas foram outras palavras que lhe ocorreram.

– *Se grito: É injustiça!, não obtenho resposta; clamo por socorro, todavia não há justiça. Ele bloqueou o meu caminho, e não consigo passar; cobriu de trevas as minhas veredas.*

Sua voz já tinha sido potente e bela. Agora estava engasgada, e não passava de um arremedo rascante da beleza antiga; mas havia poder suficiente na paixão com a qual ele falava para fazer todos que escutavam baixarem a cabeça, com o rosto perdido nas sombras.

– *Despiu-me da minha honra e tirou a coroa de minha cabeça. Ele me arrasa por todos os lados, enquanto eu não me vou; desarraiga a minha esperança como se arranca uma planta.*

Embora sua expressão se mantivesse firme, seus olhos pousaram por um desolador instante no toco carbonizado que servira à família holandesa como base para cortar lenha.

– *Ele afastou de mim os meus irmãos; até os meus conhecidos estão longe de mim. Os meus parentes me abandonaram e os meus amigos esqueceram-se de mim.*

Vi os três Lindsays se entreolharem e todos chegaram mais perto uns dos outros, para se proteger do vento que ganhava força.

– *Misericórdia, meus amigos! Misericórdia!* – exclamou Roger, então sua voz se abrandou, fazendo com que fosse difícil escutá-lo com o farfalhar das árvores: – *Pois a mão de Deus me feriu.*

Brianna fez um leve movimento ao seu lado e ele tornou a pigarrear, de modo explosivo, esticando o pescoço de forma que pude entrever a cicatriz saltada que o marcava.

– *Quem dera as minhas palavras fossem registradas! Quem dera fossem escritas num livro, fossem talhadas a ferro no chumbo, ou gravadas para sempre na rocha!*

Ele correu os olhos lentamente de um rosto a outro, mantendo o semblante inexpressivo, em seguida inspirou fundo para prosseguir, e sua voz se embargou com as palavras:

– *Eu sei que o meu Redentor vive, e que no fim se levantará sobre a terra. E depois que o meu corpo estiver destruído e sem carne...* – Brianna estremeceu convulsivamente e desviou os olhos do monte de terra recente. – *... verei a Deus. Eu o verei, com os meus próprios olhos; eu mesmo, e não outro!*

Roger se calou e ouviu-se um breve suspiro coletivo quando todos soltaram a respiração contida. Mas ele ainda não havia terminado. Estendera a mão, semiconscientemente, para segurar a de Bree, que apertou com força. Disse as últimas palavras quase para si mesmo, pensei, pouco se importando com quem escutava:

– *Temam a espada, porquanto por meio dela a ira lhes trará castigo, e então vocês saberão que há julgamento.*



Estremeci, e a mão de Jamie se fechou em volta da minha, fria porém forte. Ele baixou os olhos para mim e eu o encarei. Sabia o que ele estava pensando.

Estava pensando, assim como eu, não no presente, mas no futuro. Em uma breve nota a ser publicada dali a três anos nas páginas do *Wilmington Gazette*, datada de 13 de fevereiro de 1776:

*É com pesar que recebemos a notícia da morte por fogo de James MacKenzie Fraser e de sua esposa, Claire Fraser, numa conflagração que destruiu sua casa no assentamento da Cordilheira dos Frasers, na noite de 21 de janeiro último. O sr. Fraser, sobrinho do falecido Hector Cameron da Fazenda de River Run, nasceu em Broch Tuarach, na Escócia. Era bastante conhecido na Colônia e profundamente respeitado; não deixa filhos vivos.*

Até então fora fácil não dar muita importância a isso. Tão distante no futuro, e com certeza não um futuro imutável... afinal, quem está avisado se prepara... ou não?

Olhei de relance para o monumento de pedras raso e um calafrio mais profundo me percorreu. Dei um passo mais para perto de Jamie e pousei a outra mão em seu braço. Ele cobriu minha mão com a sua e apertou forte para me reconfortar. Não, falou para mim em silêncio. Não, eu não vou deixar isso acontecer.

Quando saímos da clareira desolada, porém, não consegui apagar da mente uma imagem vívida. Não a do chalé incendiado, dos pobres cadáveres, da horta ressequida e mirrada. A imagem que me assombrou foi uma que eu vira alguns anos antes: a de uma lápide nas ruínas do Priorado de Beaulieu, bem no alto das Terras Altas escocesas.

Era a sepultura de uma nobre dama, cujo nome estava encimado pelo entalhe de uma caveira sorridente... muito parecida com a que havia sob o avental da holandesa. Abaixo da caveira estava gravado o seu lema:

*Hodie mihi cras tibi – sic transit gloria mundi.*  
*Hoje a minha vez – amanhã a sua. Assim passa a glória do mundo.*

### 3

## MANTENHA OS AMIGOS SEMPRE PERTO

Retornamos à Cordilheira dos Frasers pouco antes do pôr do sol do dia seguinte e demos com uma visita à nossa espera: o major Donald MacDonald, ex-integrante do exército de Sua Majestade, e mais recentemente da guarda pessoal de cavalaria leve do governador Tyron, estava sentado nos degraus do alpendre em frente à casa, com meu gato no colo e um jarro de cerveja a seu lado.

– Sra. Fraser! Seu criado, senhora – disse ele, cordial, ao me ver chegar.

Tentou se levantar, mas então soltou um arquejo quando Adso, em protesto contra a perda de seu ninho aconchegante, cravou as unhas em suas coxas.

– Pode ficar sentado, major – falei, acenando sem demora para ele se sentar novamente.

Ele obedeceu com uma careta, mas com nobreza se conteve para não jogar Adso longe no meio dos arbustos. Subi no degrau ao seu lado e me sentei, suspirando de alívio.

– Meu marido está só cuidando dos cavalos, vai descer em seguida. Vejo que alguém já o acolheu?

Meneei a cabeça para a cerveja, que ele prontamente me ofereceu com um gesto cortês, limpando o bico do jarro na manga.

– Ah, sim, senhora – garantiu-me. – A sra. Bug cuidou com esmero do meu bem-estar.

Para não parecer inamistosa, aceitei a cerveja, que por sinal caiu muito bem. Jamie ficara ansioso para voltar e estávamos em cima da sela desde a aurora, com apenas uma breve parada para comer e beber ao meio-dia.

– Excelente bebida – comentou o major, sorrindo ao me ver suspirar após engolir e semicerrar os olhos. – De sua própria lavra, talvez?

Fiz que não com a cabeça e tomei outro gole antes de lhe devolver o jarro.

– Não, da lavra de Lizzie. Lizzie Wemyss.

– Ah, sua serva; sim, claro. Pode lhe transmitir meus cumprimentos?

– Ela não está aqui?

Um tanto surpresa, olhei para a porta aberta atrás dele. Àquela hora do dia, imaginava que Lizzie fosse estar na cozinha, preparando o jantar, mas ela com certeza teria nos escutado chegar e saído. Foi então que percebi que não era possível sentir cheiro de comida. Ela não poderia saber a que horas nos esperar, é claro, mas...

– Humm, não. Ela está... – O major uniu as sobrancelhas no esforço de se lembrar, e me perguntei quão cheio devia estar o jarro antes de ele começar a beber; agora restavam apenas uns 5 centímetros. – Ah, sim. A sra. Bug disse que ia à casa dos McGillivrays com o pai. Visitar o noivo, creio eu?

– Sim, ela está noiva de Manfred McGillivray. Mas a sra. Bug...

– ... está na despensa externa – disse ele, meneando a cabeça morro acima em direção ao pequeno barracão. – Alguma coisa a ver com o queijo, acredito que tenha dito. Uma omelete foi-me graciosamente oferecida como jantar.

– Ah...

Relaxe mais um pouco, sentindo a poeira da viagem assentar junto com a cerveja. Era maravilhoso chegar em casa, embora minha sensação de paz estivesse perturbada, maculada pela lembrança do chalé incendiado.

Imaginei que a sra. Bug tivesse contado ao major sobre a nossa empreitada, mas ele não fez qualquer menção ao assunto, nem ao que o tinha levado até a Cordilheira.

Era natural que não: qualquer assunto importante aguardaria Jamie, como era apropriado. Por ser do sexo feminino, eu tinha direito, enquanto isso, a uma cortesia impecável e a pequenos bocados de amenidades.

Eu sabia falar de amenidades, mas precisava estar preparada; não era um talento natural.

– Ah... Suas relações com meu gato parecem ter melhorado um pouco – arrisquei.

Relanceei os olhos involuntariamente para a cabeça do major, mas sua peruca havia sido consertada com perícia.

– Trata-se de um princípio aceito da política, creio eu – disse ele, correndo os dedos pela espessa pelagem prateada do ventre de Adso. – Mantenha os amigos sempre perto... mas os inimigos mais perto ainda.

– Muito sensato – comentei, com um sorriso. – Ahn... espero que o senhor não tenha esperado muito.

Ele deu de ombros, indicando que qualquer espera era irrelevante, o que de fato era verdade. As montanhas tinham um tempo próprio, e um homem sábio não tentava apressá-las. MacDonald era um soldado experiente, viajado... mas tinha nascido em Pitlochry, perto o suficiente dos cumes das Terras Altas para conhecer seus costumes.

– Cheguei hoje de manhã – disse ele. – De New Bern.

Pequenos sinos de alarme dispararam dentro da minha cabeça. Ele devia ter levado uns bons dez dias para vir de New Bern, se tivesse vindo direto... e a condição de seu uniforme amarrotado e sujo de lama sugeria ser esse o caso.

New Bern era onde havia fixado residência o novo governador real da colônia, Josiah Martin. E o fato de MacDonald ter dito “de New Bern”, em vez de qualquer outra parada posterior na viagem, tornava razoavelmente evidente para mim que o motivo de sua visita, fosse ele qual fosse, havia se originado *em* New Bern. Eu desconfiava de governadores.

Olhei para o caminho que conduzia ao barracão, mas Jamie ainda não tinha aparecido. A sra. Bug, sim: estava justamente saindo da despensa externa. Dei-lhe um aceno, e ela gesticulou entusiasmada para mim em sinal de boas-vindas, embora estivesse carregada com uma vasilha de leite numa das mãos, um balde de ovos na outra, um pote de manteiga sob um dos braços e um grande naco de queijo bem preso sob o queixo. Efetuou com sucesso a descida íngreme e desapareceu atrás da casa, na direção da cozinha.

– Pelo visto todo mundo vai comer omelete – observei, virando-me de volta para o major. – O senhor por acaso passou por Cross Creek?

– Passei, sim, senhora. A tia do seu marido lhe mandou lembranças afetuosas... bem como vários livros e jornais, que eu trouxe comigo.

Ultimamente eu também andava desconfiada dos jornais, muito embora os acontecimentos por eles relatados sem dúvida houvessem ocorrido várias semanas antes, quando não meses. Apesar disso, emiti ruídos de aprovação, desejando que Jamie se

apressasse para poder pedir licença. Meus cabelos estavam com cheiro de queimado e minhas mãos ainda recordavam o contato da pele fria; eu queria muito me limpar.

– Desculpe, como disse?

Eu tinha deixado escapar alguma coisa que MacDonald estava dizendo. Ele se curvou educadamente mais para perto de modo a repetir, então deu um tranco repentino e esbugalhou os olhos.

– Maldito gato!

Adso, que vinha fazendo uma esplêndida imitação de um pano de prato inerte, havia se levantado feito um raio no colo do major, com os olhos acesos e o rabo todo eriçado, e silvava feito uma chaleira ao mesmo tempo que cravava as unhas nas pernas do major. Não tive tempo de reagir antes de ele pular por cima do ombro de MacDonald e desaparecer pela janela aberta do consultório mais atrás, rasgando o rufo da gola do major e deixando sua peruca torta ao passar.

MacDonald não parava de praguejar, mas eu não tinha atenção de sobra para lhe dedicar. Rollo vinha subindo a trilha em direção à casa, lupino e sinistro sob a luz do crepúsculo, mas agindo de um modo tão estranho que eu já estava levantada antes mesmo de qualquer pensamento consciente poder me colocar de pé.

O cão corria alguns passos em direção à casa, dava uma ou duas voltas em torno de si mesmo como se não conseguisse decidir o que fazer em seguida, então tornava a entrar correndo na mata, virava-se, e voltava a correr em direção à casa, tudo isso ganindo de agitação, com o rabo encolhido e oscilante.

– Ai, Jesus H. Roosevelt Cristo! – exclamei. – Alguma coisa aconteceu!

Desci voando os degraus e corri em direção à trilha, mal tomando conhecimento da exclamação de surpresa do major atrás de mim.

Encontrei Ian algumas centenas de metros mais adiante, consciente, mas atordoadado. Sentado no chão de olhos fechados, ele segurava a cabeça com as duas mãos para impedir que os ossos do crânio desmontassem. Abriu os olhos, e quando caí de joelhos ao seu lado me deu um sorriso desfocado.

– Tia – falou, rouco.

Parecia querer dizer mais alguma coisa, mas não consegui decidir o quê; sua boca se abriu, mas então simplesmente ficou assim, com a língua a se mover de um lado para o outro de modo pensativo.

– Ian, olhe para mim – falei, com a maior calma possível.

Ele assim o fez... um bom sinal. Estava escuro demais para ver se suas pupilas estavam dilatadas, mas mesmo à sombra crepuscular dos pinheiros que margeavam a trilha pude perceber a palidez do seu rosto e o rastro escuro das manchas de sangue em sua camisa.

Passos apressados vieram pela trilha atrás de mim: Jamie, seguido de perto por MacDonald.

– Como você está, rapaz?

Jamie o segurou pelo braço e Ian cambaleou muito suavemente na sua direção, então baixou as mãos, fechou os olhos e relaxou nos braços dele com um suspiro.

– Ele está mal? – indagou Jamie com ansiedade por cima do ombro de Ian, segurando-o enquanto eu o examinava em busca de ferimentos.

A parte de trás de sua camisa estava saturada de sangue... mas *seco*. Os cabelos da nuca também estavam endurecidos de sangue, e não demorei a encontrar o machucado na cabeça.

– Acho que não. Alguma coisa o acertou com força na cabeça e tirou uma lasca do couro cabeludo, mas...

– Um tacape, você acha?

MacDonald se inclinou acima de nós, interessado.

– Não – respondeu Ian, gogue, com o rosto encostado na camisa de Jamie. – Uma bala.

– Saia, cachorro – disse Jamie rapidamente para Rollo, que tinha enfiado o nariz na orelha de Ian, provocando uma exclamação abafada do paciente e um levantar involuntário de seus ombros.

– Vou dar uma olhada no claro, mas talvez não seja nada tão ruim – falei, observando a cena. – Afinal, ele caminhou um pouco. Vamos levá-lo até a casa.

Os homens o ampararam trilha acima, com os braços de Ian sobre seus ombros, e em poucos minutos o haviam deitado de bruços sobre a mesa do meu consultório. Ali ele nos contou a história de suas aventuras, num discurso desconexo pontuado por pequenos ganidos enquanto eu limpava a ferida, cortava chumaços de cabelo com sangue coagulado e dava cinco ou seis pontos no seu couro cabeludo.

– Pensei que estivesse morto – disse Ian, e sorveu o ar por entre os dentes enquanto eu costurava as bordas do ferimento com o fio áspero. – Meu Deus, tia Claire! Só que de manhã acordei, e no fim das contas não estava morto... embora tenha pensado que minha cabeça estivesse aberta e meus miolos escorrendo pelos ombros.

– Foi por pouco – murmurei, concentrando-me no trabalho. – Mas eu não acho que tenha sido uma bala.

Isso chamou a atenção de todos.

– Eu não levei um tiro?

A voz de Ian soou levemente indignada. Uma de suas mãos grandes se ergueu e começou a se mover em direção à parte de trás da cabeça, mas eu a afastei com um tapa leve.

– Fique quieto. Não, você não levou um tiro, não que isso adiante muito. A ferida tinha bastante sujeira, além de lascas de madeira e casca de árvore. Se fosse para dar um palpite, eu diria que um dos tiros derrubou o galho de uma árvore, e você foi atingido na cabeça quando o galho caiu.

– Tem certeza de que não foi um tacape?

O major também parecia decepcionado.

Dei o último nó e cortei o fio, fazendo que não com a cabeça.  
– Acho que nunca vi um ferimento de tacape, mas suponho que não seja o caso. Vê as bordas irregulares? E o couro cabeludo está bem dilacerado, mas não creio que o osso esteja fraturado.

– Segundo o rapaz, estava escuro como breu – argumentou Jamie, coerente. – Nenhuma pessoa sensata iria lançar um tacape numa floresta escura em algo que não conseguisse ver. – Ele estava segurando o lampião a álcool para eu poder trabalhar; aproximou-o um pouco mais, de modo que pudéssemos ver não apenas a fileira irregular de pontos, mas também o hematoma que se espalhava em volta, revelado pelos cabelos que eu havia cortado. – É, está vendo? – Jamie afastou delicadamente com os dedos os últimos fios de cabelo, e correu-os por sobre vários arranhões fundos que riscavam a área machucada. – Sua tia tem razão, Ian; você foi atacado por uma árvore.

Ian entreabriu um dos olhos.

– Alguém já lhe disse como o senhor é engraçado, tio Jamie?

– Não.

Ian fechou o olho.

– Que bom, porque o senhor não é.

Jamie sorriu e apertou o ombro do sobrinho.

– Quer dizer que está se sentindo um pouco melhor?

– Não.

– É, bom, o fato é que o rapaz topou com algum tipo de *banditti*, não é mesmo? – interrompeu o major MacDonald. – Tem motivo para pensar que pudessem ser índios?

– Não – tornou a dizer Ian, mas dessa vez abriu por completo o olho. Estava vermelho. – Não eram índios.

MacDonald pareceu não gostar da resposta.

– Como pode ter certeza, rapaz? – indagou ele, um tanto ríspido. – Se estava escuro como você diz...

Vi Jamie olhar de relance para o major com um ar intrigado, mas ele não o interrompeu. Ian gemeu um pouco, em seguida suspirou:

– Senti o cheiro deles – falou. – Acho que vou vomitar – acrescentou, quase em seguida.

Erguendo-se num dos cotovelos, ele prontamente fez o que dizia. Isso inibiu de modo eficaz qualquer outra pergunta, e Jamie conduziu o major MacDonald em direção à cozinha, deixando-me encarregada de limpar Ian e acomodá-lo do modo mais confortável possível.

– Consegue abrir os dois olhos? – indaguei, depois de limpá-lo e colocá-lo descansando de lado, com um travesseiro sob a cabeça.

Ele os abriu, e a luz o fez piscar. A pequenina chama azul do lampião a álcool se

refletiu duplamente na escuridão de seus olhos, mas as pupilas encolheram na hora... e ao mesmo tempo.

– Ótimo – declarei, e pousei o lampião sobre a mesa. – Deixe isso, cachorro – falei para Rollo, que farejava o cheiro estranho do lampião abastecido por uma mistura de conhaque de má qualidade e terebintina. – Ian, segure meus dedos.

Estendi os indicadores e ele lentamente fechou uma das mãos grandes e ossudas em volta de cada um. Fiz nele a bateria de exames para verificar danos cerebrais, mandando-o apertar, puxar, empurrar, e concluí escutando o coração, que batia com uma regularidade tranquilizadora.

– Uma leve concussão – anunciei, endireitando-me e abrindo-lhe um sorriso.

– Ah, é? – fez ele, estreitando os olhos para mim.

– Quer dizer que a sua cabeça está doendo e você está enjoado. Vai se sentir melhor daqui a uns dias.

– Isso eu também poderia ter lhe dito – resmungou ele, tornando a se recostar.

– É, poderia – concordei. – Mas “concussão” soa bem mais importante do que “cabeça quebrada”, não é?

Ele não riu, mas reagiu com um débil sorriso.

– Tia, a senhora pode dar comida a Rollo? Ele não quis me deixar no caminho; deve estar com fome.

O cão empertigou as orelhas ao escutar o próprio nome e enfiou o focinho na mão esticada de Ian, ganindo de leve.

– Ele está bem – falei para o cachorro. – Não se preocupe. E sim – continuei, dirigindo-me a Ian –, vou trazer alguma coisa. E você, acha que conseguiria comer um pouco de pão com leite?

– Não – respondeu ele, categórico. – Uma dose de uísque, quem sabe?

– Não – repeti, no mesmo tom categórico, e soprei o lampião.

– Tia – chamou Ian quando eu estava me virando para a porta.

– Sim?

Eu havia deixado uma única vela para lhe servir de iluminação, e à luz amarela bruxuleante ele pareceu muito jovem e muito pálido.

– Por que a senhora acha que o major MacDonald quer que os homens que eu encontrei na floresta sejam índios?

– Não sei. Mas imagino que Jamie saiba. Ou que, a esta altura, já tenha descoberto.

#### 4

## SERPENTE NO ÉDEN

Brianna abriu a porta de seu chalé com um empurrão, atenta ao tamborilar de pés de roedor ou ao sussurro seco de escamas sobre o piso. Uma vez tinha entrado no

escuro e pisado a poucos centímetros de uma pequena cascavel; embora o réptil tivesse se assustado tanto quanto ela e saído rastejando feito louco por entre as pedras da lareira, aprendera a lição.

Dessa vez não houve ruído de camundongos ou ratos-do-mato em fuga, mas alguma coisa maior tinha estado ali e ido embora, abrindo caminho pela pele pregada em frente à janela. O sol se punha, mas restava luz do dia suficiente para que ela visse o cesto de grama trançada, no qual guardava amendoins torrados, derrubado de sua prateleira com as cascas todas espalhadas pelo chão.

Um farfalhar alto a fez congelar por um instante e apurar os ouvidos. O ruído soou outra vez, seguido por um forte clangor quando algo caiu no chão do outro lado da parede dos fundos.

– Seu *pestinha!* – exclamou ela. – Você está dentro da minha despensa!

Tomada por uma indignação justificada, ela empunhou a vassoura e partiu para dentro do anexo com um grito de diaba. Um imenso guaxinim que mastigava tranquilamente uma truta defumada largou o petisco ao vê-la, escapuliu por entre suas pernas e saiu correndo feito um banqueiro gordo que tenta escapar dos credores, emitindo trinados bem altos de alarme.

Com os nervos pulsando de tanta adrenalina, ela pousou a vassoura e se abaixou para salvar o que conseguia no meio da bagunça, praguejando entre os dentes. Apesar de serem menos destruidores do que esquilos, que conseguiam mastigar e despedaçar com desastroso abandono, guaxinins tinham um apetite bem mais voraz.

Só Deus sabia quanto tempo ele havia passado ali dentro, pensou. Tempo suficiente para lamber toda a manteiga do molde, derrubar um fardo de peixe defumado das vigas... mas como um bicho tão gordo havia conseguido o feito acrobático que isso exigia? Por sorte, o favo de mel ficava guardado em três vidros separados, e apenas um fora conspurcado. Os legumes de raiz, porém, tinham sido jogados no chão, um queijo fresco quase todo devorado e o precioso jarro de xarope de bordo derrubado, fazendo uma poça pegajosa encharcar a terra batida. A visão de toda essa perda fez sua raiva brotar outra vez, e ela apertou com tanta força a batata que acabara de catar do chão que suas unhas penetraram a casca.

– Maldito, maldito, bicho horrível!

– Quem? – perguntou uma voz atrás dela.

Assustada, ela girou nos calcanhares e atirou a batata no intruso, que se revelou ser Roger. O tubérculo o acertou em cheio na testa, e ele cambaleou e se segurou no batente da porta.

– Ai! Meu Deus! Ai! Que diabo está acontecendo aqui?

– Um guaxinim – respondeu ela, sucinta, e deu um passo para trás, deixando a luz cada vez mais fraca da porta iluminar o estrago.

– Ele pegou o xarope de bordo? Safado! Conseguiu pegar o maldito?



Com a mão pressionada na testa, Roger se abaixou para entrar no anexo da despensa e olhou em volta à procura de formas peludas.

Ver que o marido compartilhava tanto as suas prioridades quanto a sua indignação foi algo que de certa forma tranquilizou Brianna.

– Não – respondeu ela. – Ele fugiu. Você está sangrando? E onde está Jem?

– Acho que não – respondeu Roger, tirando a mão da testa com cuidado e a examinando. – Ai! Que braço esse seu, menina. Jem está na casa dos McGillivrays. Lizzie e o sr. Wemyss o levaram para comemorar o noivado de Senga.

– É mesmo? E quem ela escolheu?

Tanto a indignação quanto o remorso foram consumidos na mesma hora pelo interesse. Ute McGillivray, com uma eficiência alemã, havia selecionado parceiros para o filho e as três filhas segundo seus próprios critérios: terras, dinheiro e respeitabilidade sendo os itens mais importantes, enquanto idade, aparência e charme ficavam bem no final da lista. Como não era de espantar, seus filhos pensavam diferente, mas a força da personalidade de Frau Ute era tamanha que tanto Inga quanto Hilda haviam desposado homens aprovados pela mãe.

Senga, porém, era a cópia da mãe. Tinha opiniões igualmente fortes e uma falta de inibição semelhante na hora de expressá-las. Havia passado meses hesitando entre dois pretendentes: Heinrich Strasse, rapaz atraente, porém pobre e ainda por cima luterano, originário de Betânia, e Ronnie Sinclair, o tanoeiro, abastado pelos padrões da Cordilheira e de Ute – tinha trinta anos a mais do que Senga, o que não era nenhum obstáculo.

A questão do casamento de Senga McGillivray era tema de intensa especulação na Cordilheira havia muitos meses, e Brianna sabia de várias apostas nos diversos desfechos possíveis.

– Quem é o sortudo, afinal? – repetiu ela.

– A sra. Bug não sabe, o que a está deixando louca – respondeu Roger, abrindo um sorriso. – Manfred McGillivray veio buscá-los ontem de manhã, mas a sra. Bug ainda não voltou da Casa Grande, então Lizzie deixou um bilhete pregado atrás da porta dizendo para onde eles tinham ido... mas não lhe ocorreu dizer quem é o felizardo.

Brianna olhou rapidamente para o sol poente: o astro já havia se escondido, mas a luz que banhava os castanheiros ainda iluminava o quintal, deixando a grama de primavera tão escura e macia quanto um veludo cor de esmeralda.

– Acho que vamos ter que esperar até amanhã para descobrir – disse ela com certo pesar.

A casa dos McGillivrays ficava a uns bons 8 quilômetros. A noite cairia por completo bem antes de eles chegarem lá, e mesmo com a neve já derretida ninguém ficava perambulando pelas montanhas no escuro sem um bom motivo, ou pelo menos um motivo melhor do que a simples curiosidade.

– É. Quer subir até a Casa Grande para jantar? O major MacDonald está lá.

– Ah, ele.

Brianna pensou por alguns instantes. Gostaria de ouvir qualquer notícia trazida pelo major, e havia uma vantagem no fato de a sra. Bug preparar o jantar. Por outro lado, não estava nem um pouco disposta a se mostrar sociável após três dias desalentadores, uma longa viagem e a conspurcação de sua despensa.

Teve consciência de que Roger estava tomando cuidado para não dar uma opinião. Com o braço apoiado na prateleira onde estava espalhado o estoque reduzido de maçãs do inverno, ele acariciava um dos frutos de maneira distraída, alisando devagar com o dedo a face amarela arredondada. Leves e conhecidas vibrações emanavam dele, sugerindo silenciosamente que talvez houvesse vantagens em passar uma noite em casa, sem pais, sem conhecidos... e sem bebê.

Sorriu para ele.

– Como está sua pobre cabeça?

Roger a olhou de relance, e os últimos raios de sol pintaram de dourado o osso de seu nariz e arrancaram um brilho esverdeado de um dos olhos. Ele pigarreou para limpar a garganta.

– Acho que você poderia dar um beijo – sugeriu ele, tímido. – Se quiser.

Ela obedeceu; ficou na ponta dos pés e deu um beijo delicado, afastando os fartos cabelos pretos da testa dele. Havia um galo perceptível, embora ainda não houvesse sinal de hematoma.

– Melhorou?

– Ainda não. É melhor você tentar outra vez. Quem sabe um pouco mais embaixo?

Ele pousou as mãos nas curvas do quadril dela e a puxou mais para perto.

Brianna tinha quase a sua altura. Ela já havia reparado antes no quanto isso ajudava no encaixe, mas a mesma impressão tornou a lhe ocorrer de forma intensa. Ela se remexeu de leve, gostando daquilo, e Roger sorveu uma inspiração funda e rascante.

– Não tão baixo assim – disse ele. – Pelo menos não ainda.

– Exigente, você – falou ela, tolerante, e deu-lhe um beijo na boca. Seus lábios estavam mornos, mas ele ainda recendia a cinza amarga e terra úmida, assim como ela, e Brianna estremeceu um pouco e se afastou.

Roger manteve uma das mãos de leve em suas costas, mas se inclinou até atrás dela e passou um dedo na borda da prateleira onde o jarro de xarope de bordo havia sido derrubado. Passou o dedo de leve em seu lábio inferior, depois no próprio, e tornou a se curvar para beijá-la, e a ternura os dominou.

– Nem consigo me lembrar da última vez que vi você nua.

Ela fechou um dos olhos e o encarou com ar cético.

– Faz uns três dias. Acho que não deve ter sido assim tão memorável.

Fora um grande alívio despir as roupas que vinha usando nos três últimos dias e noites. Mesmo nua e após uma toailete apressada, porém, ela ainda podia sentir cheiro de poeira nos cabelos e a sujeira da viagem entre os dedos dos pés.

– Ah, bem, é. Mas não foi isso que eu quis dizer... Enfim, já tem um tempo que não fazemos amor à luz do dia. – Deitado de costas com Brianna sentada sobre o seu corpo, ele sorriu enquanto corria a mão de leve pela curva acentuada de sua cintura e pela protuberância das nádegas. – Você não faz ideia de como é bonita, nuinha em pelo, com o sol batendo por trás. Toda dourada, como se estivesse banhada em ouro.

Ele fechou um dos olhos como se aquela visão o deixasse tonto. Ela se mexeu e o sol bateu no rosto dele, fazendo o olho aberto brilhar como uma esmeralda na fração de segundo antes de ele piscar.

– Humm.

Ela estendeu a mão preguiçosa e puxou a cabeça dele mais para perto para beijá-lo.

Sabia do que ele estava falando. Aquilo era estranho... quase perverso, de um jeito agradável. Na maioria das vezes os dois faziam amor à noite, depois de Jem dormir, sussurrando um para o outro nas sombras lançadas pela lareira, encontrando-se por entre as camadas farfalhantes e secretas de mantas e roupas de dormir. E embora Jem em geral dormisse como quem houvesse levado uma bordoadada, tinham sempre certa consciência do montinho a respirar de forma pesada sob a manta de sua cama rente ao chão ali perto.

O esquisito era que ela estava igualmente consciente de Jem agora, na sua ausência. Parecia estranho estar longe do filho; não saber o tempo todo onde ele estava, não sentir o corpo dele como uma extensão pequena e irrequieta do seu. A liberdade era empolgante, mas a deixava com uma sensação de inquietude, como se tivesse perdido algo valioso.

Os dois deixaram a porta aberta para aproveitar melhor a cascata de luz e ar na pele. O sol agora, porém, havia quase se posto e, embora o ar ainda reluzisse feito mel, trazia consigo uma sombra de frio.

Uma súbita rajada de vento sacudiu a pele estendida em frente à janela e soprou para dentro do quarto, fazendo a porta bater e deixando-os de súbito no escuro.

Brianna deu um arquejo. Roger grunhiu de susto, desceu da cama e foi abrir a porta. Abriu-a de par em par, e ela inspirou a corrente de ar e sol, só então percebendo que havia prendido a respiração quando a porta se fechara, sentindo-se momentaneamente sepultada.

Roger pareceu sentir o mesmo. Ficou parado no limiar da porta, apoiado no batente, deixando o vento soprar os pelos escuros e encaracolados de seu corpo. Ainda tinha os cabelos presos num rabo de cavalo; não se dera o trabalho de soltá-los, e Brianna teve um súbito desejo de chegar por trás dele, desamarrar a tira de couro e correr os dedos por aqueles fios macios e lustrosos, herança de algum espanhol distante naufragado entre os celtas.

Antes mesmo de tomar qualquer decisão consciente, já estava de pé, tirando pequeninos amentos amarelos e gravetos dos cachos dele com os dedos. Quer por causa do seu toque ou da sensação do vento na pele, Roger estremeceu, mas seu corpo estava quente.

– Você está bronzeado como um fazendeiro – comentou ela, levantando os cabelos de seu pescoço e o beijando na nuca.

– Bem, e daí? Por acaso não sou fazendeiro?

Sua pele se moveu sob os lábios dela, como o couro de um cavalo. Seu rosto, pescoço e antebraços haviam embranquecido durante o inverno, mas continuavam mais escuros do que a pele das costas e dos ombros... e uma linha tênue ainda perdurava ao redor da cintura, isolando o suave tom castanho do tronco da palidez surpreendente das nádegas.

Ela espalmou as mãos sobre aquelas nádegas, apreciando sua solidez arredondada, e ele suspirou fundo, inclinando-se um pouco para trás na sua direção de modo que os seios dela encostassem nas suas costas e o queixo descansasse sobre o ombro, apontado para a frente.

Ainda restava luz, mas quase nenhuma. Os últimos raios compridos do poente explodiam por entre os castanheiros, acendendo com um fogo frio o verde-primavera de suas folhas, que brilhavam acima das sombras alongadas. Apesar de ser quase noite, era primavera e os pássaros ainda piavam e se cortejavam. Uma cotovia entoou na floresta próxima uma mistura de trinados, sequências fluidas de notas e estranhos lamentos que, pensou Brianna, deviam ter sido aprendidos com o gato de sua mãe.

O ar esfriava, e a pele de seus braços e coxas se arrepiou, mas o corpo de Roger encostado no seu estava muito quente. Ela o enlaçou pela cintura e deixou os dedos de uma das mãos brincarem distraídos com os pelos densos, curtos e encaracolados do peito dele.

– O que está olhando? – perguntou baixinho, pois ele tinha os olhos fixos no outro lado do quintal, no ponto em que a trilha emergia da floresta. Era difícil ver o começo da trilha, escondido pela sombra de um adensamento de pinheiros escuros, mas não havia ninguém ali.

– Estou vendo se avisto uma serpente trazendo maçãs – respondeu ele rindo e, em seguida, tossiu para limpar a garganta. – Está com fome, Eva?

Roger baixou a mão e a entrelaçou à de Brianna.

– Quase. E você?

Ele devia estar faminto. Os dois haviam feito apenas um lanche rápido ao meio-dia.

– Sim, estou, mas... – Ele se interrompeu, hesitante, e apertou com mais força os dedos dela. – Você vai pensar que eu sou maluco... mas acharia muito ruim se eu fosse buscar o pequeno Jem hoje à noite, em vez de amanhã? É que eu me sentiria um pouco melhor se ele estivesse aqui.

Ela, por sua vez, apertou a mão dele, sentindo o coração se animar.  
– Vamos os dois. É uma ótima ideia.  
– Pode ser, mas também são 8 quilômetros até a casa dos McGillivrays. Vai escurecer muito antes de chegarmos.

Mas ele estava sorrindo, e seu corpo roçou nos seios dela quando se virou para encará-la.

Algo se moveu junto ao rosto de Brianna, e ela recuou com um movimento brusco. Uma pequenina lagarta, tão verde quanto as folhas das quais se alimentava, e vibrante em meio aos cabelos escuros de Roger, ergueu-se até formar um S, numa busca vã por um lugar para se proteger.

– O que foi?

Roger moveu os olhos para os lados, tentando ver o que ela via.

– Achei sua serpente. Creio que ela também esteja procurando uma maçã.

Ela catou a pequena lagarta com o dedo, foi até lá fora e se agachou para deixá-la sair rastejando por uma folha de grama do mesmo tom de verde que o seu. Só que a grama estava na sombra. Num instante apenas, o sol havia se posto, e a floresta não tinha mais as cores da vida.

Um filete de fumaça chegou ao seu nariz; vinha da chaminé da Casa Grande, mas sua garganta se fechou ao sentir o cheiro de queimado. De repente, sua aflição aumentou. A luz se esvaía, a noite se aproximava. A cotovia havia silenciado, e a floresta parecia repleta de mistério e ameaça.

Ela se levantou e passou uma das mãos pelos cabelos.

– Então vamos.

– Não quer jantar primeiro?

Roger a encarou com um ar de interrogação, segurando a calça.

Ela fez que não com a cabeça e sentiu o frio lhe subir pelas pernas.

– Não. Vamos logo.

Nada parecia importar senão buscar Jem e estarem reunidos outra vez, uma família.

– Está bem – disse Roger com uma voz suave, espiando-a. – Mas acho melhor você vestir a sua folha de parreira primeiro. Só para o caso de toparmos com um anjo de espada flamejante.

## 5

### AS SOMBRAS QUE O FOGO LANÇA

Abandonei Ian e Rollo ao portento de benevolência da sra. Bug; ele que tentasse dizer a *ela* que não queria pão e leite. Então fui me sentar com meu próprio e tardio jantar: uma omelete fresca e quentinha não só com queijo, mas também com pedaços de bacon salgado, aspargos e cogumelos selvagens, e temperada com cebolas frescas.

Jamie e o major MacDonald já tinham acabado de comer, e estavam sentados junto ao fogo sob uma névoa acolhedora de fumaça de tabaco vinda do cachimbo de barro do militar. Pelo visto, Jamie acabara de concluir seu relato da medonha tragédia para o major, pois este tinha o cenho franzido e balançava a cabeça em sinal de empatia.

– Pobres coitados! – lamentou ele. – Está achando que foram os mesmos *banditti* que atacaram seu sobrinho?

– Estou – respondeu Jamie. – Não gostaria de pensar que existem dois bandos como esse rondando pelas montanhas. – Ele relanceou os olhos para a janela, fechada para a noite de modo aconchegante, e reparei de repente que havia tirado sua espingarda de caçar aves de cima da lareira e limpava distraidamente o cano imaculado com um trapo embebido em óleo. – É verdade que o senhor ouviu relatos sobre acontecimentos parecidos, *a charaid*?

– Três outros. Pelo menos.

O cachimbo do major ameaçou apagar e ele o sugou com força, fazendo o tabaco no forninho luzir e estalar num lampejo vermelho.

Um leve receio fez com que eu me detivesse com um pedaço de cogumelo morno na boca. A possibilidade de que uma gangue misteriosa de homens armados pudesse estar rondando à solta, atacando fazendas a esmo, não tinha me ocorrido até então.

Obviamente havia ocorrido a Jamie; ele se levantou, tornou a pendurar a caçadeira nos ganchos, tocou o fuzil pendurado acima dela para se reconfortar e em seguida foi até o aparador, onde ficavam guardadas suas armas de fogo e o estojo com seu elegante par de pistolas de duelo.

MacDonald o observava com ar de aprovação, soltando lufadas de uma fumaça azul-clara, e Jamie foi dispendo de maneira metódica armas, bolsas de chumbinho, moldes de balas, hastes e todos os outros implementos de sua armaria particular.

– Humm – fez MacDonald. – Bela peça esta aqui, coronel.

Ele indicou com a cabeça uma das armas, elegante e de cano longo, com cabo encurvado e detalhes em prata folheados a ouro.

Jamie o encarou por um breve instante ao ouvir a palavra “coronel”, mas quando respondeu foi com calma.

– Sim, uma bela peça. Só que a mira não acerta nada a mais de dois passos. Gagnei numa corrida de cavalos – acrescentou com um pequeno gesto de lamento em direção à arma, para o caso de MacDonald o julgar tolo o bastante para ter pago um bom dinheiro por ela.

Mesmo assim, verificou a pederneira, substituiu-a por outra e pôs a arma de lado.

– Onde foram os acontecimentos major? – perguntou em tom casual, enquanto estendia a mão para pegar o molde de balas.

Apesar de ter recommçado a mastigar, eu mesma olhei para o major com um ar interrogativo.

– Vejam bem, foi só o que ouvi dizer – alertou MacDonald, tirando o cachimbo da boca por um instante, em seguida recolocando-o depressa para mais uma tragada.  
– Uma fazenda a certa distância de Salem, destruída por um incêndio. Um pessoal chamado Zinzer... alemães.

Ele sugou com força, e suas bochechas se encovaram.

– Foi em fevereiro, mais para o final do mês. Então, três semanas depois disso, uma balsa no rio Yadkin, ao norte do Cais de Woram... a casa foi roubada e o balseiro, morto. O terceiro...

Nesse ponto, ele se interrompeu, pôs-se a tragar furiosamente e chispou os olhos na minha direção, então tornou a olhar para Jamie.

– Pode falar, amigo – disse Jamie em gaélico, com um ar resignado. – Ela já deve ter visto mais coisas horríveis do que o senhor, de longe.

Meneei a cabeça para concordar ao mesmo tempo que espetava com o garfo outro pedaço de ovo, e o major tossiu.

– É. Bem, com todo o respeito à sua presença, senhora... eu por acaso me encontrava num, ahn... num estabelecimento em Edenton...

– Um bordel? – sugeri. – Sim, sei. Pode prosseguir, major.

Ele assim o fez, de modo um tanto apressado, com o rosto muito vermelho abaixo da peruca:

– Ahn... claro. Bem, vejam, quem me contou foi uma das, ahn... uma das moças do estabelecimento. Ela disse que tinha sido roubada em casa por delinquentes que um dia atacaram o lugar sem aviso. Ela vivia apenas com a avó idosa, e falou que eles mataram a velha e queimaram a casa com ela dentro.

– E quem fez isso, segundo ela?

Jamie tinha virado seu banquinho de frente para a lareira, e derretia aparas de chumbo num cadinho para o molde de balas.

– Ahn...

O rubor de MacDonald se acentuou, e a fumaça saiu de seu cachimbo com tal ferocidade que mal consegui distinguir seus traços por entre as sinuosas volutas.

À custa de muitas tossidas e desvios de rota, revelou-se que o major na verdade não tinha acreditado na moça naquela oportunidade, ou então estava interessado demais em provar seus encantos para prestar atenção. Tomando a história apenas por uma daquelas que as prostitutas muitas vezes contam para conseguir empatia e um copo a mais de genebra, não se dera o trabalho de pedir mais detalhes.

– Mas depois, quando ouvi falar por acaso nos outros incêndios... bem, vejam, eu tivera a sorte de ser incumbido pelo governador de ficar com as orelhas encostadas no chão, por assim dizer, nas regiões mais afastadas da cidade, atento a qualquer sinal de perturbação. E comecei a pensar que naquele caso específico de perturbação talvez não houvesse tanta coincidência assim quanto a princípio poderia parecer.

Ao ouvir isso, Jamie e eu nos entreolhamos. A expressão dele estava matizada de

bom humor, a minha de resignação. Ele havia apostado comigo que MacDonald, oficial de cavalaria de meio-soldo que sobrevivia à custa de bicos, não apenas iria sobreviver à renúncia do governador Tryon, como também conseguir cavar imediatamente algum cargo no novo regime, agora que Tryon fora embora para assumir um cargo mais importante como governador de Nova York. “Um cavalheiro de sorte, o nosso Donald”, dissera ele.

O cheiro agressivo de chumbo quente começou a tomar conta do recinto, competindo com a fumaça do cachimbo do major e superando em muito a agradável atmosfera doméstica de pão fermentando, comida no fogo, ervas secas, plantas usadas para limpeza e sabão de soda cáustica que em geral permeava a cozinha.

O chumbo derrete de repente: num segundo, uma bala deformada ou botão torto está dentro do cadinho, inteiro e distinto. No instante seguinte, sumiu, e uma minúscula poça de metal cintila fosca em seu lugar. Jamie despejou com cuidado o chumbo derretido dentro do molde, desviando o rosto das emanções.

– Por que índios?

– Ah. Bem, foi o que a puta de Edenton disse. Que alguns dos que queimaram sua casa e a roubaram eram índios. Mas, como eu disse, na época não dei muita atenção à história.

Jamie produziu um ruído escocês para indicar que entendia, embora com ceticismo.

– E quando foi que o senhor encontrou essa moça, Donald, e ouviu a história dela?

– Perto do Natal. – Sem erguer os olhos, o major cutucou o forninho do cachimbo com um indicador manchado. – Quando a casa dela foi atacada, o senhor quer dizer? Ela não disse, mas eu acho... talvez não fizesse muito tempo. Ela estava, ahn... bastante fresca, ainda.

Ele tossiu, cruzou olhares comigo, prendeu a respiração e tornou a tossir, forte, enquanto seu rosto enrubescia.

A boca de Jamie se contraiu com força e ele olhou para baixo, abrindo o molde para deixar cair sobre a pedra da lareira uma bala recém-fundida.

Pousei o garfo; o que me restava de apetite havia sumido.

– Como? – perguntei. – Como essa jovem foi parar no bordel?

– Ora, senhora, eles a venderam. – O rubor ainda coloria as faces de MacDonald, mas ele havia recuperado a compostura o suficiente para me encarar. – Os bandoleiros. Venderam-na para um comerciante fluvial, segundo ela, poucos dias depois de a terem sequestrado. Ele a manteve consigo por um tempo, no seu barco, mas então, certa noite, um homem apareceu para fazer negócio, gostou dela e a comprou. Levou-a para o litoral, mas acho que a essa altura já tinha se cansado dela...

Sem terminar a frase, tornou a enfiar o cachimbo na boca e sugou com força.

– Entendo – falei, e senti a metade da omelete que havia comido como uma pequena bola dura no fundo do estômago.



“Bastante fresca, ainda.” Quanto tempo devia levar, perguntei? Quanto tempo durava uma mulher passada casualmente de mão em mão, das tábuas cheias de farpas de um convés de embarcação fluvial para o colchão esfarrapado de um quarto alugado, comendo apenas o suficiente para se manter viva? Era mais do que possível que o bordel de Edenton tivesse lhe parecido uma espécie de porto seguro quando ela chegara. Mas esse pensamento não aumentou minha simpatia por MacDonald.

– O senhor pelo menos se lembra do nome dela, major? – perguntei, com gélida cortesia.

Pensei ter visto com o rabo do olho o canto da boca de Jamie estremecer, mas mantive o rosto virado para MacDonald.

O major tirou o cachimbo da boca, exalou um longo filete de fumaça, então me encarou com olhos azul-claros e muito diretos.

– Na verdade, senhora, eu simplesmente chamo todas de Polly – disse ele. – Poupa trabalho, entende?

Fui salva de responder, ou de fazer coisa pior, pela reparação da sra. Bug, que chegou trazendo uma tigela vazia.

– O rapaz comeu e agora vai dormir – anunciou ela. Seus olhos argutos se moveram depressa do meu rosto para o prato esvaziado pela metade. Ela abriu a boca, com o cenho franzido, mas então olhou para Jamie e, parecendo escutar dele uma ordem muda, tornou a fechar a boca e pegou o prato com um breve “hum!”.

– Sra. Bug – disse Jamie baixinho. – Será que a senhora poderia pedir a Arch para vir aqui falar comigo? E, se não for abusar demais, dar o mesmo recado a Roger Mac?

Os olhos pretos e miúdos da sra. Bug percorreram o recinto, então se estreitaram ao chegar a MacDonald, evidentemente desconfiando que, se havia algo de estranho acontecendo, quem estava por trás era ele.

– Claro – respondeu ela, e, balançando a cabeça na minha direção para me repreender por minha falta de apetite, pousou a louça e saiu, deixando a porta no trinco.

– Cais de Woram – disse Jamie para MacDonald, continuando a conversa como se ela não houvesse sido interrompida. – E Salem. E, se forem os mesmos homens, o Jovem Ian os encontrou na floresta, um dia de viagem a oeste daqui. Perto o suficiente.

– Perto o suficiente para serem os mesmos? É, é, sim.

– Estamos no começo da primavera.

Jamie olhou para a janela ao dizer isso; estava escuro agora, e as persianas tinham sido fechadas, mas uma brisa fria penetrava pelas frestas e balançava os fios nos quais eu havia pendurado cogumelos para secar, formas escuras e murchas que se sacudiam qual pequenos dançarinos, congeladas contra a madeira clara.

Eu sabia o que ele queria dizer com aquilo. O terreno das montanhas era impraticável durante o inverno; os altos desfiladeiros ainda estavam nevados, e as encostas mais baixas haviam apenas começado a verdejar e florir nas últimas semanas. Se houvesse mesmo uma gangue organizada de saqueadores, talvez só agora eles esti-

vessem começando a rumar para as regiões mais altas, depois de um inverno passado discretamente no sopé das montanhas.

– É verdade – assentiu MacDonald. – Cedo o bastante, quem sabe, para as pessoas estarem atentas. Mas antes de os seus homens chegarem, senhor... talvez devêssemos falar sobre o que me trouxe até aqui?

– Ah, sim? – disse Jamie, semicerrando os olhos com cuidado enquanto despejava um filete cintilante de chumbo. – Claro, Donald. Eu deveria ter desconfiado que nenhum assunto de pequena monta o traria tão longe. O que é?

MacDonald sorriu como um tubarão; agora estávamos chegando ao ponto.

– O senhor fez um belo trabalho com este seu lugar, coronel. Quantas famílias vivem agora em suas terras?

– Trinta e quatro – respondeu Jamie.

Não ergueu os olhos, mas soltou mais uma bala sobre as cinzas.

– Talvez haja lugar para mais algumas?

MacDonald continuava a sorrir. Estávamos cercados por milhares de quilômetros de natureza selvagem; o punhado de fazendas da Cordilheira dos Frasers mal fazia uma moosa nessa imensidão... e poderia desaparecer feito fumaça. Pensei por um instante no chalé dos holandeses e, apesar do fogo na lareira, estremeci. Ainda podia sentir o cheiro amargo e persistente de carne queimada, espesso no fundo da garganta, à espreita entre os sabores mais leves da omelete.

– Pode ser – respondeu Jamie, calmo. – São os novos emigrantes escoceses? Lá do norte, depois de Thurso?

Tanto o major MacDonald quanto eu o encaramos.

– Como diabos o senhor sabe disso? – perguntou MacDonald. – Eu mesmo só fiquei sabendo dez dias atrás!

– Encontrei um homem no moinho ontem – respondeu Jamie, tornando a pegar o cadinho. – Um cavalheiro da Filadélfia que veio às montanhas coletar plantas. Ele havia chegado de Cross Creek e os tinha visto. – Um músculo perto de sua boca se contraiu. – Ao que parece, eles causaram certa comoção em Brunswick e não se sentiram exatamente bem-vindos, então subiram o rio em barças.

– Certa comoção? O que eles fizeram? – indaguei.

– Bem, ultimamente há muita gente chegando nos navios direto das Terras Altas, a senhora entende – explicou o major. – Aldeias inteiras abarrotadas nas entranhas de um navio... e que quando desembarcam parece mesmo terem sido cagadas. Só que não há nada para essa gente na costa, e os moradores das cidades têm tendência a apontar-lhes o dedo e zombar deles ao ver suas roupas esquisitas, de modo que a maioria sobe direto numa barça ou numa chata e segue em direção a Cape Fear. Pelo menos Campbellton e Cross Creek têm um pessoal capaz de falar com eles.

Ele sorriu para mim e limpou um pouco da terra que sujava a saia do casaco de seu uniforme.

– O pessoal de Brunswick não deve estar muito acostumado com essa gente rústica das Terras Altas, já que eles só viram escoceses civilizados como o seu marido e a tia dele.

Ele meneou a cabeça em direção a Jamie, que em troca lhe fez uma leve e irônica mesura.

– Bem, relativamente civilizados – murmurei. Não estava pronta para perdoar MacDonald pela puta de Edenton. – Mas...

– Pelo que ouvi dizer, eles mal falam uma palavra de inglês entre si – prosseguiu MacDonald apressado. – Farquard Campbell desceu para falar com eles e os levou até o norte para Campbelton, caso contrário não duvido que eles ainda fossem estar apinhados no litoral sem a menor ideia de para onde ir ou do que fazer.

– O que Campbell fez com eles? – quis saber Jamie.

– Ah, estão distribuídos entre os parentes dele em Campbelton, mas isso não vai dar certo a longo prazo, claro, já dá para ver.

MacDonald deu de ombros. Campbelton era um pequeno povoado perto de Cross Creek, nascido a partir do bem-sucedido armazém de Farquard Campbell, e as terras ao redor estavam totalmente ocupadas... em sua maioria pelos Campbells. Farquard tinha oito filhos, muitos dos quais também eram casados... e tão férteis quanto o pai.

– Claro – falou Jamie com ar de cautela. – Mas eles são do litoral norte. Devem ser pescadores, Donald, não fazendeiros.

– É, mas estão dispostos a mudar de vida, não? – MacDonald fez um gesto em direção à porta e à floresta mais além. – Na Escócia não sobrou nada para eles. Eles vieram para cá, e agora precisam tirar disso o melhor proveito possível. Com certeza um homem pode aprender a ser fazendeiro, não?

Jamie tinha um ar um tanto cético, mas MacDonald estava inteiramente tomado pelo entusiasmo.

– Já vi muitos pescadores e agricultores virarem soldados, homem, e aposto que o senhor também. Ser fazendeiro não pode ser mais difícil do que ser soldado.

Isso fez Jamie sorrir de leve: ele próprio tinha largado a vida de fazendeiro aos 19 anos e passara vários anos lutando como mercenário na França antes de voltar à Escócia.

– É, bem, talvez você tenha razão, Donald. Mas, quando você é soldado, tem alguém para lhe dizer o que fazer desde a hora em que acorda até a hora em que desaba à noite. Quem vai dizer a esses pobres tolos de que lado ordenhar a vaca?

– No caso seria você, imagino – falei. Estiquei-me para relaxar as costas e olhei para MacDonald. – Ou pelo menos imagino que seja nesse ponto que o senhor queira chegar, não, major?

– Seu charme só é superado pelo seu raciocínio rápido, minha senhora – disse MacDonald, curvando o corpo graciosamente na minha direção. – Sim, é essa a essência. Todos vocês aqui são das Terras Altas, senhor, e são fazendeiros. Vão

conseguir, na língua desses recém-chegados, mostrar a eles o que precisam fazer... ajudá-los a traçar seu caminho.

– Há muitas outras pessoas na colônia que falam *gaidhlig* – contrapôs Jamie. – E a maioria mora bem mais perto de Campbelton.

– Sim, mas vocês aqui têm terras livres que precisam ser desmatadas, e eles lá não.

Evidentemente achando que havia ganhado a discussão, MacDonald se recostou e empunhou sua negligenciada caneca de cerveja.

Jamie olhou para mim com a sobrancelha arqueada. Era verdade mesmo que tínhamos terras livres: 4 mil hectares, mas a área cultivada mal chegava a 8. Era verdade também que a falta de mão de obra era um problema sério em toda a colônia, e mais ainda nas montanhas, onde as terras não se prestavam nem ao cultivo do tabaco nem do arroz... os tipos de lavoura adequados ao trabalho escravo.

Ao mesmo tempo, contudo...

– A dificuldade, Donald, é como assentar essa gente. – Jamie se curvou para soltar mais uma bala sobre a pedra da lareira e se endireitou, ajeitando uma mecha solta de cabelos ruivos atrás da orelha. – Eu tenho terras, sim, mas pouco mais do que isso. Não se pode soltar uma gente direto da Escócia na mata virgem e esperar que eles consigam sobreviver. Eu não poderia sequer lhes dar os sapatos e a muda de roupas que um escravo receberia, quanto mais ferramentas. E quanto a alimentar durante o inverno todos esses homens e suas esposas e bebês? Ou lhes dar proteção?

Para ilustrar o que dizia, ele ergueu o cadinho, em seguida balançou a cabeça e jogou lá dentro mais um pedaço de chumbo.

– Ah, proteção. Bem, já que o senhor falou nisso, deixe-me abordar outra pequena questão interessante.

MacDonald se inclinou para a frente e, apesar de não haver ninguém escutando, baixou a voz até um tom confidencial.

– Eu disse que sou o homem do governador, não foi? Ele me encarregou de viajar pela parte oeste da colônia e manter o ouvido encostado no chão. Existem Reguladores que ainda não receberam o perdão, e... – Ele olhou cautelosamente para um lado e para o outro, como se achasse que uma dessas pessoas pudesse pular da lareira. – ... vocês todos já devem ter ouvido falar nos Comitês de Segurança?

– Um pouco.

– Ainda não devem ter formado um aqui nas montanhas.

– Não que eu saiba, não.

Jamie não tinha mais chumbo para derreter, então se abaixou para catar as balas recém-fundidas do meio das cinzas a seus pés enquanto a luz cálida do fogo luzia vermelha no seu cocuruto. Sentei-me ao seu lado no banco, peguei a bolsinha de munição em cima da mesa e a estendi aberta para ele.

– Ah – disse MacDonald com ar de satisfação. – Vi que cheguei em boa hora, então.

Na esteira dos distúrbios relacionados à Guerra da Regulação, um ano antes, vários desses grupos informais de cidadãos haviam surgido, inspirados por grupos semelhantes em outras colônias. Se a Coroa não era mais capaz de garantir a segurança dos colonos, argumentavam estes, era preciso que eles próprios assumissem a tarefa.

Não se podia mais confiar nos xerifes para manter a ordem; os escândalos que haviam inspirado o movimento dos Reguladores tinham garantido isso. A dificuldade, claro, era que, como os comitês eram automeados, não havia motivo algum para se confiar mais neles do que nos xerifes.

Havia também outros comitês. Os Comitês de Correspondência, associações frouxas de homens que escreviam cartas para lá e para cá, espalhando notícias e boatos entre as colônias. E era desses diversos comitês que nasciam as sementes da rebelião, sementes que naquele exato instante germinavam em algum lugar da fria noite de primavera.

Como fazia de vez em quando, e agora com muito mais frequência, calculei o tempo que restava. Já estávamos quase em abril de 1773, e *no dia 18 de abril do ano de 75...* como dizia Longfellow de modo tão singular...

Dois anos. Mas a guerra tem o pavio longo e a mecha lenta. Aquela mecha tinha sido acesa em Alamance, e as linhas brilhantes e quentes do fogo que avançava pela Carolina do Norte já podiam ser vistas... por quem soubesse olhar.

As pelotas de chumbo da bolsa de chumbinho que eu segurava se entrechocaram e chacoalharam; meus dedos haviam se contraído em volta do couro. Ao perceber isso, Jamie tocou meu joelho, um toque rápido e leve, para me reconfortar, em seguida pegou a bolsinha, enrolou-a e a enfiou dentro da caixa de munição.

– Em boa hora – repetiu ele, olhando para MacDonald. – O que quer dizer com isso, Donald?

– Ora, quem poderia liderar um comitê assim senão o senhor, coronel? Foi isso que sugeri ao governador.

MacDonald tentou parecer modesto, mas não conseguiu.

– Quanta bondade a sua, major – disse Jamie, seco, e arqueou uma das sobrancelhas para mim.

A situação do governo da colônia devia estar ainda pior do que ele supusera, para o governador Martin estar não apenas tolerando a existência dos comitês... mas também os apoiando clandestinamente.

O ganido demorado de um bocejo canino chegou débil aos meus ouvidos vindo do corredor, e pedi licença para ir ver como Ian estava.

Perguntei-me se o governador Martin fazia alguma ideia do que estava perdendo. Meu palpite era que sim, e que ele estava tirando máximo proveito de um emprego ruim tentando garantir que pelo menos alguns dos Comitês de Segurança fossem comandados por apoiadores da Coroa durante a Guerra da Regulação. Mesmo assim, não conseguia controlar ou sequer saber da existência de muitos desses comitês. Mas a colônia estava começando a ferver e a se agitar feito uma

chaleira à beira da ebulição, e Martin não tinha soldados oficiais sob seu comando, apenas irregulares como MacDonald... e as milícias.

Era por isso que MacDonald estava chamando Jamie de “coronel”, claro. O governador anterior, William Tryon, um tanto à sua revelia, havia nomeado Jamie coronel da milícia das montanhas acima do Yadkin.

– Humm – fez ele para si mesmo.

Nem MacDonald nem Martin eram bobos. Convidar Jamie para montar um Comitê de Segurança significava que ele iria convocar os homens que haviam servido sob seu comando na milícia, mas sem comprometer o governo a nada com relação a pagá-los ou equipá-los, e o governador estaria a salvo de qualquer responsabilidade por seus atos, uma vez que um Comitê de Segurança não era uma corporação oficial.

Mas o perigo de aceitar uma proposta dessas era considerável, para Jamie e para todos nós.

Estava escuro no corredor, sem luz alguma exceto a que vazava da cozinha atrás de mim e a débil claridade da única vela no consultório. Ian dormia, mas um sono agitado, com o desconforto a enrugar de leve a pele macia entre as sobrancelhas. Rollo levantou a cabeça, e seu rabo grosso se arrastou de um lado para o outro do chão para me acolher.

Ian não reagiu quando eu disse o seu nome, nem quando pousei a mão no seu ombro. Sacudi-o com delicadeza, depois com mais força. Pude vê-lo lutar, em algum lugar sob as camadas de inconsciência, como um homem à deriva nas correntezas subaquáticas que cede ao convite das profundezas antes de ser repentinamente fogado por um anzol inesperado, uma pontada de dor na carne anestesiada pelo frio.

Seus olhos se abriram de repente, escuros e perdidos, e ele me encarou sem entender.

– Olá – falei baixinho, aliviada por vê-lo acordado. – Como você se chama?

Pude ver que a pergunta não fez sentido para ele de imediato, e a repeti de modo paciente. A consciência se agitou em algum lugar nas profundezas de suas pupilas dilatadas.

– Quem sou eu? – perguntou ele em gaélico. Disse mais alguma coisa em mohawk com uma voz arrastada, e suas pálpebras estremeceram e se fecharam.

– Ian, acorde – falei, firme, tornando a sacudi-lo. – Diga-me quem você é.

Seus olhos tornaram a se abrir, e ele os estreitou para mim, sem entender.

– Tentemos algo mais fácil – sugeri, e ergui dois dedos. – Quantos dedos você está vendo aqui?

Uma centelha de consciência surgiu nos seus olhos.

– Não deixe Arch Bug ver a senhora fazendo isso, tia – disse ele, grogue, e seu rosto exibiu um esboço de sorriso. – É muito grosseiro, sabe?

Bem, pelo menos ele havia me reconhecido, e também o gesto do “V”; já era alguma coisa. E, se ele estava me chamando de tia, devia saber quem era.

– Qual é seu nome todo? – tornei a perguntar.

– Ian James FitzGibbons Fraser Murray – respondeu ele, um tanto irritado. – Por que está me perguntando meu nome?

– FitzGibbons? – estranhei. – Onde diabos você arrumou esse nome?

Ele grunhiu, levou dois dedos às pálpebras e fez uma careta ao pressionar de leve.

– Tio Jamie me deu... ponha a culpa nele – respondeu Ian. – Segundo ele, é em homenagem a seu velho padrinho, Murtagh FitzGibbons Fraser, mas a minha mãe não queria que eu me chamasse Murtagh. Acho que vou vomitar outra vez – acrescentou ele, puxando a mão de volta.

Na verdade, ele teve alguns espasmos e tossiu um pouco acima da bacia, mas não chegou a vomitar, o que era um bom sinal. Tornei a deitá-lo de lado, branco e gelado de suor, e Rollo se levantou sobre as patas traseiras para lambe seu rosto, com as dianteiras apoiadas na mesa, o que o fez rir entre um grunhido e outro e tentar empurrar o cão para longe sem muita força.

– *Theirig dhachaigh, Okwaho* – falou.

*Theirig dhachaigh* significava “vá para casa” em gaélico, e Okwaho era evidentemente o nome de Rollo em mohawk. Ian parecia estar tendo alguma dificuldade para escolher entre os três idiomas nos quais era fluente, mas apesar disso era óbvio que estava lúcido. Depois de fazê-lo responder a mais algumas perguntas irritantemente sem propósito, enxuguei seu rosto com um pano úmido, deixei que bochechasse com um vinho bem diluído em água e tornei a acomodá-lo na cama.

– Tia – disse ele com uma voz arrastada quando eu estava me virando em direção à porta. – A senhora acha que eu algum dia vou ver de novo a minha mãe?

Parei, sem a menor ideia de como responder a essa pergunta. Na realidade não foi preciso: ele havia tornado a pegar no sono do modo repentino como acontece a muitas vítimas de concussão, e antes de eu conseguir encontrar qualquer palavra já estava respirando profundamente.

## 6

### EMBOSCADA

Ian despertou de modo abrupto, fechando a mão em volta do tacape. Ou do que deveria ter sido o seu tacape, mas em vez disso era um punhado de pano de calça. Por um segundo, não teve noção alguma de onde estava e sentou-se ereto para tentar distinguir formas no escuro.

A dor lhe varou a cabeça como um raio de fogo, fazendo-o arquejar sem emitir som algum e segurá-la. Em algum lugar na escuridão abaixo dele, Rollo bufou baixinho de surpresa, *uouf?*

Meu Deus. Os cheiros penetrantes do consultório da tia lhe atingiram a parte de

trás do nariz, álcool, pavio queimado, folhas medicinais secas e as misturas nau-seabundas que ela chamava de pene-silina. Ele fechou os olhos, pousou a testa nos joelhos erguidos e respirou lentamente pela boca.

Com o que estava sonhando? Algum sonho de perigo, algo violento... mas nenhuma imagem nítida lhe veio à cabeça, apenas a sensação de estar sendo seguido, de algo a persegui-lo pela mata.

Precisava mijar, com urgência. Tateou em busca da borda da mesa e foi se levantando aos poucos, semicerrando os olhos para se proteger dos clarões de dor na cabeça.

A sra. Bug tinha lhe deixado um penico, lembrava-se de ela ter dito isso, mas a vela havia se apagado e ele não tinha condições de engatinhar pelo chão à sua procura. Uma luz débil lhe indicava a localização da porta; ela a deixara entreaberta, e uma claridade vinha da lareira da cozinha e se espalhava pelo corredor. Usando-a como farol, ele foi até a janela, abriu-a, soltou desajeitadamente o trinco da veneziana e ficou em pé diante da enxurrada de ar da fria noite de primavera, olhos fechados de alívio enquanto esvaziava a bexiga.

Melhor assim, embora o alívio tivesse aguçado a consciência do enjoo e do latejar na cabeça. Ele se sentou, pousou os braços nos joelhos e a cabeça nos braços e esperou tudo melhorar. Vozes vinham da cozinha; pôde ouvi-las com clareza, agora que estava prestando atenção.

Eram tio Jamie e aquele tal de MacDonald, e o velho Arch Bug também, mais tia Claire, que de vez em quando fazia um aparte, a voz inglesa nítida em contraste com os resmungos bruscos do escocês e do gaélico.

– O senhor por acaso gostaria de ser um agente indígena? – perguntava MacDonald.

O que era aquilo?, perguntou-se Ian. Então se lembrou. Sim, claro: a Coroa contratava homens para ir até as aldeias oferecer presentes aos índios, tabaco, facas, coisas assim. Para lhes dizer bobagens sobre o rei, como se fosse provável ele aparecer e se sentar em frente às fogueiras do conselho na Lua do Coelho seguinte e falar como um homem.

Pensar aquilo o fez sorrir tristemente. O conceito era bem simples: engambelar os índios para fazê-los lutar do lado dos ingleses quando fosse preciso. Mas por que eles pensariam que precisavam disso agora? Os franceses haviam capitulado e se retirado para seu território setentrional do Canadá.

Ah! Ele então se lembrou do que Brianna tinha lhe dito sobre o novo combate que estava por vir. Não soubera se devia acreditar nela ou não... mas talvez ela tivesse razão, e nesse caso... ele não queria pensar nisso. Nem em qualquer outra coisa.

Rollo andou até onde ele estava, sentou-se e se recostou pesadamente no seu corpo. Ele se recostou de volta, descansando a cabeça na pelagem densa.

Um agente indígena tinha aparecido certo dia, quando ele morava em Snaketown. Um sujeitinho gordo, com olhos dissimulados e um tremor na voz. Pensava que o



homem... Meu Deus, como ele se chamava? Os mohawks o haviam chamado de Suor Ruim, um nome condizente: ele fedia como se estivesse acometido por uma doença mortal. Na sua opinião, o homem não estava muito acostumado a lidar com os kahn-yen'kehakas: não conhecia grande coisa da língua deles, e obviamente imaginava que eles fossem escalpelá-lo a qualquer instante, algo que os índios achavam hilariante... e um ou dois teriam até tentado, só de brincadeira, não fosse Tewaktenyonh ter lhes dito para tratar o homem com respeito. Ian fora instado a traduzir para ele, trabalho que havia realizado, embora sem grande prazer. Preferia muito mais se considerar um mohawk do que reconhecer qualquer parentesco com Suor Ruim.

Mas tio Jamie... ele iria desempenhar muito melhor essa tarefa, sem comparação. Será que iria aceitar? Ian ficou escutando as vozes com uma vaga sensação de interesse, mas ficou claro que tio Jamie se recusava a ser pressionado para tomar uma decisão. Seria mais fácil para MacDonald tentar agarrar um sapo numa nascente, pensou ele ao ouvir o tio se esquivar do compromisso.

Deu um suspiro, passou o braço em volta de Rollo e apoiou-se mais no cachorro. Sentia-se péssimo. Teria imaginado que estava à beira da morte, não fosse tia Claire ter lhe dito que ele iria se sentir mal por vários dias. Tinha certeza de que ela teria ficado caso ele estivesse à beira da morte, e não ido embora e o deixado com a companhia apenas de Rollo.

As venezianas continuavam abertas e o ar frio se derramava sobre ele, gelado e suave ao mesmo tempo, como eram as noites de primavera. Ele sentiu Rollo levantar o focinho, farejar e soltar um ganido baixo e ansioso. Um gambá, talvez, ou então um guaxinim.

– Pode ir – falou, endireitando-se e dando um empurrãozinho no cachorro. – Eu estou bem.

O cão o cheirou desconfiado e tentou lambe a parte de trás de sua cabeça, onde estavam os pontos, mas desistiu quando Ian deu um grito e cobriu o local com as mãos.

– Vá, eu já disse!

Deu-lhe um tabefe de leve e Rollo bufou, girou no próprio eixo, então pulou por cima de sua cabeça e pela janela e aterrissou no chão do outro lado com um baque sólido. Um guincho assustador varou a noite, e ouviu-se o ruído de pés correndo e corpos pesados atravessando os arbustos.

Vozes espantadas vieram da direção da cozinha, e ele ouviu tio Jamie sair para o corredor um segundo antes de a porta do consultório se abrir.

– Ian? – chamou seu tio baixinho. – Onde você está, rapaz? O que aconteceu?

Ele se levantou, mas um lençol branco ofuscante baixou dentro de seus olhos, e ele cambaleou. Tio Jamie o segurou pelo braço e o fez sentar num banquinho.

– O que houve, rapaz? – Quando sua visão clareou, ele pôde ver o tio à luz que emanava da porta, com o fuzil numa das mãos e olhando para a janela aberta com uma expressão preocupada, mas bem-humorada. Jamie inspirou fundo. – Não era um gambá, imagino.

– Bem, é, acho que deve ser uma coisa ou outra – disse Ian, tocando com cuidado a própria cabeça. – Ou Rollo saiu atrás de um puma, ou então encurralou o gato da tia na árvore.

– Ah, sim. Ele teria mais sorte com o puma. – Seu tio pousou o fuzil e foi até a janela. – Quer que eu feche a janela, ou você precisa de ar? Está um pouco abatido.

– Estou me sentindo abatido – reconheceu Ian. – É, tio, deixe aberta, por favor.

– Não é melhor você descansar?

Ian hesitou. Seu estômago continuava revirado, e ele de fato sentia que seria bom se deitar outra vez... mas o consultório o deixava nervoso, com aqueles cheiros fortes e brilhos aqui e ali de pequenas lâminas e outras coisas misteriosas e doloridas. Tio Jamie pareceu entender o problema, pois curvou-se e levou uma das mãos até debaixo do cotovelo de Ian.

– Vamos, rapaz. Você pode dormir lá em cima numa cama de verdade, se não se importar que o major MacDonald durma na outra.

– Eu não me importo – disse ele. – Mas acho que vou ficar aqui. – Fez um gesto em direção à janela, sem querer menear a cabeça e tornar a sentir dor. – Rollo deve voltar daqui a pouco.

Tio Jamie não discutiu, fato pelo qual ele se sentiu grato. Mulheres criavam caso. Homens simplesmente tocavam a vida.

Seu tio o ajudou sem muita cerimônia a voltar para a cama, cobriu-o, então pôs-se a tatear no escuro em busca do fuzil que havia pousado. Ian começou a sentir que, no fim das contas, talvez pudesse suportar um pouco de criação de caso.

– Tio Jamie, o senhor poderia pegar um copo d'água para mim?

– Ahn? Ah, sim.

Tia Claire havia deixado uma jarra d'água ali perto. Ouviu-se o barulho reconfortante de água gorgolejando, então a borda de uma caneca de barro encostou na sua boca, e a mão de seu tio o amparou por trás para mantê-lo ereto. Embora não precisasse disso, ele não objetou; o toque era cálido e reconfortante. Não tinha percebido o quanto estava com frio por causa do ar da noite, e estremeceu de leve.

– Está tudo bem, rapaz? – murmurou tio Jamie, e apertou com mais força o ombro de Ian.

– Sim, tudo. Tio Jamie?

– Hã?

– Tia Claire lhe contou sobre... uma guerra? Uma guerra que ainda vai acontecer, quero dizer? Contra a Inglaterra?

Houve alguns instantes de silêncio e a grande silhueta de seu tio se imobilizou à luz da porta.

– Sim – respondeu ele, e retirou a mão. – Ela contou a você?

– Não, foi a prima Brianna. – Ele se deitou de lado, tomando cuidado com a cabeça dolorida. – O senhor acreditou?

Dessa vez não houve hesitação.

– Sim, acreditei.

A frase foi dita no tom neutro característico de seu tio, mas algo nela fez os cabelos da nuca de Ian se eriçarem.

– Ah. É isso, então.

O travesseiro de plumas de ganso era macio sob a sua bochecha e cheirava a lavanda. A mão de seu tio lhe tocou a cabeça e afastou os cabelos desarrumados de seu rosto.

– Não se preocupe com isso agora, Ian – disse Jamie baixinho. – Ainda há tempo.

Ele pegou o fuzil e se retirou. De onde estava deitado, Ian podia ver por cima das árvores do outro lado do quintal, onde elas desciam da borda da Cordilheira, se estendiam pela encosta da montanha Negra e desapareciam mais além no céu noturno coalhado de estrelas.

Ouviu a porta dos fundos se abrir e a voz da sra. Bug se erguer acima das outras.

– Eles não estão em casa, senhor – dizia ela, ofegante. – E o chalé está escuro, sem fogo na lareira. Aonde podem ter ido a esta hora da noite?

Ian se perguntou difusamente quem teria ido, mas isso não lhe pareceu importar muito. Se fosse um problema, tio Jamie lidaria com ele. Esse pensamento o reconfortou. Ele se sentiu um menino pequeno, seguro na cama, ouvindo a voz do pai do lado de fora conversando com um arrendatário na escuridão fria de uma madrugada nas Terras Altas.

O calor se espalhou lentamente por cima dele embaixo da colcha, e ele dormiu.

A lua estava começando a nascer quando eles partiram, e ainda bem, pensou Brianna. Mesmo com o grande e torto astro dourado a se erguer de dentro de um berço de estrelas e lançar seu brilho emprestado sobre o céu, a trilha que eles pisavam estava invisível. Seus pés também, afogados no negrume absoluto da floresta à noite.

Uma floresta negra, mas não silenciosa. As gigantescas árvores farfalhavam lá em cima, coisas pequeninas guinchavam e resfolegavam no escuro, e de vez em quando o voejar silencioso de um morcego passava perto o bastante para assustá-la, como se parte da noite houvesse se desprendido de repente e alçado voo debaixo do seu nariz.

– O gato do Ministro está apreensivo? – sugeriu Roger quando ela arquejou e o agarrou depois de uma dessas visitas de um par de asas de couro.

– O gato do Ministro está... agradecido – respondeu ela, apertando sua mão. – Obrigada.

Eles provavelmente acabariam dormindo de capa e tudo em frente à lareira dos McGillivrays, em vez de aninhados no conforto da própria cama... mas pelo menos estariam com Jemmy.

Ele retribuiu o apertão com a mão maior e mais forte do que a dela, muito reconfortante no escuro.

– Está tudo bem – disse Roger. – Eu também quero estar com ele. Hoje é uma noite para estar com a família toda reunida, segura num mesmo lugar.

Brianna produziu na garganta um pequeno ruído de reconhecimento e apreciação, mas quis continuar a conversa, tanto para conservar a sensação de conexão com ele quanto porque isso manteria afastada a escuridão.

– O gato do Ministro foi muito eloquente – falou, delicada. – No... no enterro, quero dizer. daquelas pobres pessoas.

Roger deu um muxoxo; ela viu seu hálito se condensar no ar por um breve instante, branco.

– O gato do Ministro ficou altamente envergonhado – disse ele. – O seu pai!

Ela sorriu, já que ele não podia vê-la.

– Você se saiu muito bem – falou, suave.

– Humm – fez ele, dando outro breve muxoxo. – Quanto a ter sido eloquente... se houve alguma eloquência, minha não foi. Tudo que fiz foi citar trechos do Livro de Jó... não saberia nem lhe dizer qual.

– Não teve importância. Mas por que você escolheu... aquilo que disse? – indagou ela, curiosa. – Achei que fosse rezar o pai-nosso, ou quem sabe dizer o Salmo 23... esse todo mundo conhece.

– Eu também achei que faria isso – admitiu ele. – Era a minha intenção. Mas quando chegou a hora... – Ele hesitou, e ela viu na lembrança aqueles montinhos de terra recentes e frios, e estremeceu ao sentir cheiro de fuligem. Roger apertou mais sua mão e a puxou mais para perto, encaixando a mão de Brianna na dobra do cotovelo. – Não sei – disse ele, num tom grave. – É que me pareceu... mais adequado, por algum motivo.

– E foi – disse ela baixinho, mas não insistiu no assunto, preferindo em vez disso conduzir a conversa rumo a um debate sobre seu mais recente projeto de engenharia: uma bomba manual para tirar água do poço.

– Se eu tivesse alguma coisa para usar como cano, poderia fazer a água chegar na casa com a maior facilidade! Já tenho quase toda a madeira de que preciso para uma boa cisterna, se conseguir que Ronnie a impermeabilize para mim... assim pelo menos vamos poder tomar banho de água de chuva. Mas escavar troncos de árvores... – Era esse o método utilizado para a pequena quantidade de encanamento usada na bomba. – Eu levaria meses para obter o suficiente só para ir do poço até a casa, que dirá até o regato. E não há chance alguma de conseguir algum cobre em rolo. Mesmo que tivéssemos dinheiro para isso, coisa que não temos, trazê-lo de Wilmington seria...

Ela ergueu a mão livre para o céu num gesto de frustração diante da natureza monumental daquela empreitada.

Roger pensou um pouco a respeito. O arrastar de seus sapatos na trilha pedregosa criava um ritmo reconfortante.

– Bem, os antigos romanos usavam concreto. A receita está em Plínio.

– Eu sei. Mas é preciso um tipo específico de areia, que nós por acaso não temos. É preciso também cal, que nós também não temos. E...

– Sim, mas e argila? – interrompeu ele. – Você viu aquele prato no casamento de Hilda? Aquele grande, marrom e vermelho, com os desenhos bonitos?

– Vi – respondeu ela. – Por quê?

– Ute McGillivray disse que foi alguém de Salem que levou. Não me lembro do nome, mas, segundo ela, era um ceramista de sucesso... ou seja lá como eles chamem quem fabrica pratos.

– Aposto qualquer coisa que ela não disse isso!

– Bem, disse palavras equivalentes. – Sem se deixar deter, ele prosseguiu. – A questão é que ele fabricou o prato *aqui*; não foi algo que trouxe da Alemanha. Ou seja, existe argila adequada para o cozimento por aqui, não?

– Ah, *entendi*. *Humm*. Bem, é uma ideia, não é?

Era mesmo, e uma ideia atraente, que os ocupou durante a maior parte do restante da viagem.

Eles haviam descido a Cordilheira e estavam a 400 metros da casa dos McGillivrays quando Brianna começou a ter uma sensação estranha na nuca. *Só podia* ser imaginação; depois do que eles tinham visto naquele vale deserto, o ar escuro da mata parecia prenhe de ameaça, e ela havia imaginado uma emboscada a cada curva, retesando o corpo em preparação para o ataque.

Então ouviu algo estalar nas árvores à sua direita... um pequeno galho seco se partindo de um jeito que nem o vento nem um animal faria se partir. O verdadeiro perigo tinha seu próprio gosto, forte como suco de limão, em contraste com a fraca limonada da imaginação.

Sua mão se crispou no braço de Roger num alerta, e ele estacou na hora.

– O que foi? – sussurrou, com a mão na faca. – Onde?

Não tinha escutado.

Maldição, por que ela não trouxera sua arma, ou pelo menos sua própria adaga? Tudo que tinha era o canivete suíço, que ia sempre no bolso... e quaisquer armas que a paisagem oferecesse.

Chegou mais perto de Roger e apontou, mantendo a mão junto ao corpo dele para ter certeza de que ele iria acompanhar a direção do gesto. Então parou e bateu a escuridão em volta à procura de uma pedra ou de um galho para usar como porrete.

– Continue falando – sussurrou.

– O gato do Ministro é um fracote, é? – disse ele, num tom de provocação razoavelmente convincente.

– O gato do Ministro é um gato *feroz* – retrucou ela, tentando imitar seu tom brincalhão enquanto vasculhava o interior do bolso com uma só mão. A outra se fechou em volta de uma pedra, e ela a puxou para soltá-la da terra que a prendia e a sentiu fria e pesada dentro da palma. Levantou-se com todos os sentidos con-

centrados na escuridão à sua direita. – Ele vai literalmente arrancar as tripas de qualquer coisa que...

– Ah, são vocês – disse uma voz na mata atrás dela.

Ela deu um grito agudo e Roger, por reflexo, deu um tranco, girou nos calcanhares para encarar a ameaça, segurou-a e a jogou para trás de si, tudo num só movimento.

O empurrão fez Brianna cambaleiar para trás. Um de seus tornozelos enganchou numa raiz escondida no escuro e ela caiu, aterrissando com força de bunda no chão, posição que lhe proporcionou uma excelente visão de Roger sob o luar, de faca em punho, partindo para cima das árvores com um rugido incoerente.

Um pouco tarde, ela registrou o que a voz tinha dito, bem como seu tom inconfundível de decepção. Uma voz bem parecida, alta de alarme, falou na mata à direita.

– Jo? – disse a voz. – O que foi? O que foi, Jo?

Podia-se ouvir muito estardalhaço e gritos vindos da mata à esquerda. Roger havia pegado alguém.

– Roger! – gritou ela. – Roger, pare! São os Beardsleys!

Ao cair, ela havia soltado a pedra, e então se pôs de pé e limpou a terra da mão na lateral da saia. Seu coração continuava disparado, sua nádega esquerda estava machucada e sua vontade de rir vinha matizada por um forte desejo de esganar um ou ambos os gêmeos Beardsleys.

– Kezzie Beardsley, saia daí! – berrou ela, então repetiu o chamado mais alto ainda.

A audição de Kezzie havia melhorado depois que sua mãe lhe removera as amígdalas e as glândulas adenoides cronicamente inflamadas, mas ele continuava bastante surdo.

Um farfalhar alto nos arbustos revelou a forma franzina de Keziah Beardsley, cabelos escuros, rosto branco, armado com um grande porrete, que ele abaixou do ombro e tentou com vergonha esconder atrás de si quando a viu.

Enquanto isso, um farfalhar bem mais alto e certa quantidade de palavrões atrás dela serviram de aviso para o surgimento de Roger, que segurava com força o pescoço magro de Josiah Beardsley, o gêmeo de Kezzie.

– Em nome do santo Deus, o que acham que estão fazendo, seus danadinhos? – perguntou Roger, empurrando Jo para a frente até fazê-lo ficar ao lado do irmão sob um raio de luar. – Percebem que eu quase matei vocês?

Havia luz suficiente para Brianna distinguir a expressão um tanto cínica que atravessou o semblante de Jo ao ouvir isso, antes de ser apagada e substituída por outra de sinceras desculpas.

– Nós sentimos muito mesmo, sr. Mac. Ouvimos alguém chegar e achamos que poderiam ser bandoleiros.

– Bandoleiros – repetiu Brianna, sentindo crescer a vontade de rir, mas mantendo-a sob rígido controle. – Onde foi que você aprendeu essa palavra?

– Ah. – Com as mãos unidas nas costas, Jo baixou os olhos para os próprios pés.

– A srta. Lizzie estava lendo para nós aquele livro que o sr. Jamie trouxe. Era lá que estava. Sobre os bandoleiros.

– Entendi. – Brianna olhou rapidamente para Roger, que cruzou olhares com ela. Era óbvio que a sua irritação também já estava cedendo lugar à diversão. – *O pirata Gow* – explicou ela. – Defoe.

– Ah, sim. – Roger embainhou a adaga. – E por que vocês acharam que bandoleiros talvez estivessem chegando?

Kezzie, com as inconstâncias de uma audição irregular, escutou isso e respondeu com o mesmo entusiasmo do irmão, exceto pelo fato de a sua voz ser mais alta e ligeiramente sem entonação, resultado da surdez na primeira infância.

– Encontramos o sr. Lindsay a caminho de casa, senhor, e ele nos contou o que houve lá no Córrego do Holandês. É verdade o que ele disse? Que todos viraram cinzas?

– Estavam todos mortos. – A voz de Roger havia perdido qualquer vestígio de bom humor. – O que isso tem a ver com vocês dois ficarem de tocaia na mata com porretes?

– Bem, o terreno dos McGillivrays é um lugar bom e grande, o senhor entende, com a oficina do tanoeiro e a casa nova e tudo, e por ficar numa estrada, ora... bem, senhor, se *eu* fosse um bandoleiro, seria exatamente o tipo de lugar que poderia escolher – respondeu Jo.

– E a srta. Lizzie está lá com o pai. E com o seu filho, sr. Mac – acrescentou Kezzie, direto. – Não iríamos querer que nada de mau acontecesse com eles.

– Entendo. – Roger deu um sorriso meio torto. – Bem, obrigado a vocês dois, então, pela gentileza de terem se preocupado. Mas duvido que os bandoleiros vão estar em qualquer lugar aqui perto. O Córrego do Holandês fica bem longe.

– Sim, senhor – concordou Jo. – Mas os bandoleiros poderiam estar em qualquer lugar, não?

Isso era inegável, e suficientemente verdadeiro para renovar em Brianna a sensação de frio na boca do estômago.

– Poderiam, mas não estão – garantiu-lhes Roger. – Venham para a casa conosco, sim? Viemos só buscar Jem. Tenho certeza de que Frau Ute daria a vocês uma cama junto ao fogo.

Os Beardsleys trocaram um olhar inescrutável. Eram quase idênticos: pequenos, ágeis, com fartos cabelos pretos, diferenciados apenas pela surdez de Kezzie e pela cicatriz arredondada no polegar de Jo. Ver aqueles dois rostos de ossos delicados exibindo a mesmíssima expressão era um pouco inquietante.

Fosse qual fosse a informação trocada naquele olhar, obviamente incluíra tanta consulta quanto era necessário, pois Kezzie meneou a cabeça de leve, aceitando a decisão do irmão.

– Ah, não, senhor – disse Josiah, educado. – Acho que nós vamos ficar aqui. – E, sem dizer mais nada, os dois viraram as costas e desapareceram no escuro, fazendo a mata estalar, esbarrando em folhas e pedras pelo caminho.

– Jo! Espere! – chamou Brianna, pois sua mão havia encontrado alguma outra coisa no fundo do bolso.

– Pois não, senhora?

Josiah estava de volta, tendo surgido junto ao seu cotovelo de modo abrupto e perturbador. Seu gêmeo não tinha talento para passar despercebido, mas ele sim.

– Ah! Quero dizer, ah, aí está você. – Ela inspirou fundo para acalmar o coração e lhe entregou o apito talhado que havia fabricado para Germain. – Tome. Se vocês vão ficar de guarda, talvez isto aqui seja útil. Para chamar ajuda, caso alguém apareça *mesmo*.

Ficou claro que era a primeira vez que Jo Beardsley via um apito, mas ele não quis admitir. Virou o pequeno objeto na palma da mão, tentando não olhar para ele fixamente.

Roger estendeu a mão, pegou o apito e soprou com força, produzindo um barulho alto que estilhaçou a noite. Vários pássaros, assustados em seus locais de descanso, saíram voando das árvores próximas, aos gritos, e foram seguidos de perto por Kezzie Beardsley, que tinha os olhos esbugalhados de assombro.

– Soprem por aqui – disse Roger, encostando o dedo na extremidade correta do apito antes de devolvê-lo. – Apertem os lábios um pouco.

– Muito agradecido, senhor – murmurou Jo.

Seu semblante em geral estoico havia se estilhaçado junto com o silêncio, e ele pegou o apito com o mesmo olhar arregalado de um menino na manhã de Natal, virando-se na hora para mostrar o presente ao irmão. Ocorreu a Brianna de repente que nenhum dos dois *já* tivera uma manhã de Natal... nem recebido qualquer tipo de presente.

– Vou fazer outro para você – falou para Kezzie. – Assim vocês dois podem se comunicar. Se virem algum bandoleiro – acrescentou ela, sorrindo.

– Ah, sim, senhora. Vamos fazer isso, vamos sim! – garantiu-lhe ele quase sem olhar para ela, tamanha sua ânsia de examinar o apito que o irmão depositara em sua mão.

– Soprem três vezes se quiserem ajuda – disse-lhes Roger enquanto eles se afastavam, segurando o braço de Brianna.

– Sim, senhor! – veio a resposta do escuro, seguida por um tardio e débil “Obrigado, senhora!”, que foi por sua vez seguido por uma saraivada de bufos, arquejos e estrilos ofegantes, pontuados por ruídos agudos de apito brevemente bem-sucedidos.

– Estou vendo que Lizzie tem ensinado boas maneiras a eles – comentou Roger. – Além do alfabeto. Mas você acha que eles algum dia vão ser civilizados de verdade?

– Não – respondeu Brianna, com um quê de pesar.

– É mesmo? – Apesar de não conseguir ver o rosto de Roger no escuro, ela ouviu a surpresa em sua voz. – Eu estava só brincando. Acha mesmo que não?

– Acho... e não é de espantar, depois do modo como foram criados. Você viu como eles ficaram com o apito? Ninguém nunca lhes deu um presente ou um brinquedo.

– Acho que não mesmo. Você acha que é isso que civiliza os meninos? Nesse caso, suponho que o pequeno Jem vá ser um filósofo, um artista ou algo assim. A sra. Bug o mimia demais.



– Ah, como se você não mimasse – disse Brianna, tolerante. – E papai, e Lizzie, e mamãe, e todo mundo em volta.

– Ah, bem – disse Roger, constrangido com a acusação. – Espere até ele ter um pouco de competição. Germain não corre o risco de ser mimado, não é?

Germain, filho mais velho de Fergus e Marsali, vivia importunado por duas irmãs menores conhecidas por todos como as gatinhas infernais que o seguiam por toda parte, provocando e atentando o menino.

Ela riu, mas foi tomada por uma leve inquietude. Pensar em ter outro filho sempre a fazia se sentir postada no alto de uma montanha-russa, sem ar e com o estômago contraído, equilibrada em algum lugar entre a animação e o terror. Sobretudo agora, com a lembrança do sexo ainda a pesar suavemente, movendo-se feito mercúrio dentro da sua barriga.

Roger pareceu sentir sua ambivalência, pois não insistiu no assunto, mas segurou-lhe a mão dentro da sua, grande e morna. O ar estava frio e os últimos vestígios gelados do inverno ainda perduravam nos cantos.

– Mas e Fergus, então? – perguntou ele, retomando um fio anterior da conversa. – Pelo que ouvi dizer, ele tampouco teve muita infância, mas parece razoavelmente civilizado.

– Minha tia Jenny o criou desde que ele tinha 10 anos – objetou ela. – Você não conheceu minha tia Jenny, mas acredite: se tivesse encasquetado com a ideia, ela teria conseguido civilizar Adolf Hitler. Além do mais, Fergus foi criado em Paris, não nas montanhas selvagens... *mesmo* que tenha sido num bordel. E, pelo que Marsali me contou, parece que além do mais era um bordel bem de alta classe.

– Ah, é? O que ela contou?

– Ah, só umas histórias que Fergus contava para ela de vez em quando. Sobre os clientes e as pu... as meninas.

– Quer dizer que você não consegue dizer “puta”? – perguntou ele, achando graça. Ela sentiu o sangue lhe subir às faces, e ficou satisfeita por estar escuro. Ele a provocava mais ainda quando ela enrubescia.

– Não posso fazer nada se estudei numa escola católica – disse ela, na defensiva. – Condicionamento precoce. – Era verdade: ela só conseguia dizer determinadas palavras quando estava furiosa, ou mentalmente preparada. – Mas como você consegue? Seria de esperar que um filho de pastor fosse ter o mesmo problema.

Ele riu, com certa ironia.

– Não o mesmo problema, exatamente. Foi mais uma questão de me sentir obrigado a falar palavrão e me exibir na frente dos meus amigos, para provar que eu era capaz.

– Se exibir como? – indagou Brianna, farejando uma história.

Roger não falava com frequência sobre sua vida em Inverness, adotado pelo tio-avô pastor presbiteriano, mas ela adorava escutar os pedacinhos que ele às vezes deixava escapar.

– Ah. Fumando, bebendo cerveja, escrevendo palavras chulas nas paredes do banheiro dos meninos – respondeu ele, com um sorriso evidente na voz. – Virando latas de lixo. Esvaziando pneus de carro. Roubando balas da agência dos correios. Durante algum tempo, eu fui um verdadeiro criminoso mirim.

– O terror de Inverness, é? Você tinha uma gangue? – provocou ela.

– Tinha – respondeu ele, e riu. – Gerry MacMillan, Bobby Cawdor e Dougie Buchanan. Eu era o diferente, não só por ser filho do pastor, mas por ter um pai inglês e um nome inglês. Então estava sempre tentando mostrar a eles o quanto era durão. Ou seja, eu em geral era o que mais me encrenava.

– Eu não fazia ideia de que você tinha sido um delinquente juvenil – disse ela, encantada com a ideia.

– Bom, não por muito tempo – garantiu-lhe ele, irônico. – No verão dos meus 15 anos, o reverendo me inscreveu num barco pesqueiro e me mandou para o mar junto com a frota de pesca ao arenque. Não saberia dizer se ele fez isso para melhorar meu caráter, para me manter fora da cadeia ou só porque não me aguentava mais dentro de casa, mas funcionou. Se você um dia quiser conhecer homens durões, vá para o mar com um bando de pescadores gaélicos.

– Vou me lembrar disso – disse ela, tentando não rir, e produzindo em vez disso uma série de pequenos muxoxos úmidos. – Seus amigos acabaram na cadeia, então, ou se endireitaram, sem você para tirá-los do bom caminho?

– Dougie entrou para o exército – disse ele, com um quê de nostalgia na voz. – Gerry assumiu a loja do pai, que vendia tabaco. Bobby... ah, bem, Bobby morreu. Afogado, naquele mesmo verão, pescando lagosta com o primo ao largo de Oban.

Ela chegou mais perto e apertou sua mão, roçando o ombro no dele para reconfortá-lo.

– Sinto muito – falou, então fez uma pausa. – Só que... ele não está morto, não é? Ainda não. Não agora.

Roger fez que não com a cabeça e produziu um leve ruído, misto de bom humor e consternação.

– Isso reconforta você? – perguntou ela. – Ou é horrível de pensar?

Quereria fazê-lo continuar falando; ele não falava tanto de uma vez só desde o enforcamento que levara embora sua voz de cantor. Ser forçado a falar em público o deixava encabulado, e sua garganta se contraía. Sua voz continuava rascante, mas, relaxado como ele estava agora, não engasgava nem tossia.

– As duas coisas – respondeu, e tornou a produzir o mesmo ruído de antes. – De toda forma, eu nunca mais vou vê-lo. – Deu de ombros de leve para afastar o pensamento. – Você pensa muito nos seus antigos amigos?

– Não, não muito – respondeu ela baixinho. A trilha nesse ponto se estreitava, e ela lhe deu o braço e chegou mais perto conforme os dois se aproximavam da última curva, de onde já poderiam avistar a casa dos McGillivrays. – Tem coisa demais aqui.

– Mas não quis falar sobre o que *não* havia ali. – Acha que Jo e Kezzie estão só de brincadeira? – indagou. – Ou estão tramando alguma coisa?

– O que eles poderiam estar tramando? – indagou Roger, aceitando a mudança de assunto sem comentar. – Não consigo pensar que estejam de tocaia para roubar alguém na estrada... não a esta hora da noite.

– Ah, eu acreditei no que eles disseram sobre ficar de guarda – disse ela. – Aqueles dois fariam qualquer coisa para proteger Lizzie. Só que...

Ela fez uma pausa. Eles tinham saído da floresta para a estrada. A extremidade mais distante se perdia num penhasco íngreme, parecendo à noite uma poça sem fundo de veludo negro; de dia, seria um emaranhado de árvores caídas, arbustos de rododendro, olaia e corniso, acrescidos das hastes retorcidas de antigas parreiras e trepadeiras. Mais adiante, a estrada fazia uma curva acentuada e seguia no outro sentido para chegar suavemente à casa dos McGillivrays, 100 metros mais abaixo.

– As luzes ainda estão acesas – disse Brianna com alguma surpresa. O pequeno grupo de construções formado por Old Place, New Place, pela oficina de tanoeiro de Ronnie Sinclair e pela fundição de ferro e pelo chalé de Dai Jones estava quase todo às escuras, mas as janelas mais baixas de New Place, onde moravam os McGillivrays, estavam riscadas por uma luz que vazava por entre as frestas das venezianas, e uma fogueira em frente à casa formava um borrão luminoso brilhante no meio da escuridão.

– Kenny Lindsay – disse Roger num tom neutro. – Os Beardsleys disseram que o encontraram. Ele deve ter parado para contar as novidades.

– Humm. Então é melhor tomarmos cuidado: se eles também estiverem de olho em bandoleiros, pode ser que atirem em qualquer coisa que se mexa.

– Hoje à noite, não; é um grupo, lembra? Mas o que estávamos dizendo sobre os Beardsleys protegerem Lizzie?

– Ai! – Seu dedão do pé bateu em algum obstáculo escondido, e ela apertou o braço dele para não cair. – Só que eu não tinha certeza de quem eles pensavam estar protegendo Lizzie.

Por reflexo, Roger apertou com mais força o braço dela.

– O que você quis dizer com isso?

– Só que, se eu fosse Manfred McGillivray, prestaria bastante atenção para ser gentil com Lizzie. Segundo mamãe, os Beardsleys a seguem por toda parte feito cachorrinhos, mas não é verdade. Eles a seguem feito lobos domesticados.

– Pensei que Ian tivesse dito que não se pode domesticar lobos.

– E é verdade – respondeu ela, tensa. – Vamos logo, antes que eles abafem a lareira.

A grande casa feita de toras de madeira literalmente transbordava de gente. A luz vazava pela porta aberta e acendia a fileira de pequenas janelas do tipo seteira que percorriam a fachada dianteira da casa, e formas escuras entravam e saíam da clari-

dade da fogueira. Um som de rabeca chegou aos seus ouvidos, agudo e melodioso na noite, trazido pelo vento junto com o cheiro de carne assando.

– Imagino então que Senga tenha mesmo feito a sua escolha – comentou Roger, segurando o braço dela para a última descida íngreme até o cruzamento. – Quem você aposta que é? Ronnie Sinclair ou o rapaz alemão?

– Ah, uma aposta? Vamos apostar o quê? Ops!

Ela tropeçou numa pedra meio enterrada no caminho e cambaleou, mas Roger a segurou mais forte e a manteve em pé.

– Quem perder arruma a despensa – sugeriu ele.

– Fechado – respondeu ela, de bate-pronto. – Eu acho que ela escolheu Heinrich.

– Ah, é? Bom, talvez você tenha razão – disse ele, parecendo achar graça. – Mas preciso lhe dizer que, pela última notícia que tive, estava cinco a três para Ronnie. Frau Ute é uma força que se deve levar em consideração.

– É mesmo – admitiu Brianna. – Se fosse Helga ou Inga eu diria que era barbada. Mas Senga não tem a mesma personalidade da mãe; ninguém vai dizer a *ela* o que fazer... nem mesmo Frau Ute.

– Mas onde foi que eles arrumaram “Senga”, afinal? – acrescentou ela. – Há várias Ingas e Hildas lá para os lados de Salem, mas nunca ouvi falar em nenhuma outra Senga.

– Ah, bem, e não teria ouvido mesmo... não em Salem. Esse nome não é alemão, sabe... é escocês.

– *Escocês?* – repetiu ela, espantada.

– Sim – disse ele, e o sorriso foi evidente em sua voz. – É Agnes soletrado ao contrário. Uma moça com esse nome tem de ser do contra, você não acha?

– Está de brincadeira? Agnes soletrado ao contrário?

– Eu não diria que é um nome exatamente comum, mas com certeza já conheci uma ou duas Sengas na Escócia.

Ela riu.

– Os escoceses fazem isso com algum outro nome?

– Soletrar ao contrário? – Ele pensou um pouco. – Bem, eu estudei na escola com uma menina chamada Adnil, e tinha um filho de quitandeiro que fazia as compras para as velhas senhoras do bairro... o nome dele se pronunciava “Kirry”, mas se soletrava “C-i-r-e.”.

Brianna o encarou com um olhar incisivo para ver se ele estava brincando, mas não. Ela balançou a cabeça.

– Acho que mamãe tem razão em relação aos escoceses. Então seu nome soletrado ao contrário seria...

– Regor – confirmou ele. – Parece algo saído de um filme do Godzilla, não é? Uma enguia gigante, talvez, ou um besouro com olhos de raios da morte.

A ideia pareceu lhe agradar.

– Você já pensou sobre o assunto, não é? – indagou ela, rindo. – Qual desses preferiria ser?

– Bom, quando eu era criança achava que o besouro com olhos de raios da morte seria melhor – admitiu ele. – Aí fui para o mar e comecei a pegar uma ou outra moreia na minha rede. Não é o tipo de coisa que você gostaria de encontrar num beco escuro, acredite.

– Pelo menos são mais ágeis do que o Godzilla – disse ela, estremecendo de leve ao recordar a única moreia que havia visto de perto.

Com 1,20 metro de aço de mola e borracha, veloz como um raio e equipado com uma boca cheia de navalhas, o bicho tinha surgido de dentro do compartimento de carga de um barco de pesca que ela vira ser descarregado numa pequena cidade portuária chamada MacDuff.

Ela e Roger estavam encostados numa mureta de pedra baixa, observando distraídos as gaivotas pairarem ao vento, quando um grito de alarme do barco de pesca mais abaixo os fez baixar os olhos a tempo de ver os pescadores fugindo de alguma coisa no convés.

Uma onda sinuosa e escura havia atravessado a massa prateada de peixes sobre o convés e disparado por baixo da amurada, indo aterrissar nas pedras úmidas do cais, onde causara um pânico semelhante entre os pescadores que enxaguavam seus equipamentos, contorcendo-se e rabeando como um cabo de alta tensão até um homem de bota de borracha conseguir reunir calma suficiente para correr até a moreia e chutá-la de volta para dentro d'água.

– Bom, elas não são de todo más, as moreias – comentou Roger com ponderação, obviamente recordando a mesma lembrança. – Afinal de contas, não se pode culpá-las: ser arrastada do fundo do mar sem aviso... qualquer um se debateria um pouco.

– De fato – concordou Brianna, pensando neles dois.

Segurou a mão de Roger e entrelaçou os dedos nos seus, reconfortando-se com aquele aperto firme e frio.

Eles agora estavam próximos o suficiente para captar pedaços de risos e conversas, que escapavam para a noite fria junto com a fumaça do fogo. Crianças corriam soltas. Ela viu duas formas pequeninas dispararem por entre as pernas da multidão reunida em volta da fogueira, tão negras e com as pernas tão finas quanto diabinhos de Halloween.

Com certeza Jem não era uma delas? Não, ele era menor, e com certeza Lizzie não iria...

– Mej – disse Roger.

– O quê?

– Jem, ao contrário – explicou ele. – Estava só pensando que seria bem divertido assistir a filmes do Godzilla com ele. Talvez ele quisesse ser o besouro com olhos de raios mortais. Seria legal, né?

Roger soou tão nostálgico que um bolo se formou na garganta de Brianna. Ela apertou a mão dele com força e em seguida engoliu em seco.

– Conte histórias do Godzilla para ele – falou, firme. – São inventadas, mesmo. Eu faço os desenhos.

Isso o fez rir.

– Meu Deus, Bree, se fizer isso eles vão apedrejar você por se meter com o diabo. O Godzilla parece saído do livro do Apocalipse... ou pelo menos foi o que me disseram.

– Quem disse isso?

– Eigger.

– Quem... ah – fez ela, invertendo as letras mentalmente. – Reggie? Quem é Reggie?

– O reverendo. – Seu tio-avô, seu pai adotivo. Ainda havia um sorriso em sua voz, mas agora matizado de nostalgia. – Quando íamos ver filmes de monstro juntos, aos sábados. Eigger e Regor... você tinha que ver a cara das mulheres da Associação de Senhoras quando a sra. Graham as deixava entrar sem anunciá-las e elas irrompiam no escritório do reverendo e davam com nós dois pisoteando o chão e urrando, destruindo uma Tóquio feita de tijolos e latas de sopa.

Ela riu, mas sentiu a ardência das lágrimas na parte de trás dos olhos.

– Queria ter conhecido o reverendo – falou, e apertou a mão dele.

– Eu também queria que você o tivesse conhecido – disse ele, suave. — Ele teria gostado tanto de você, Bree...

Durante alguns segundos, enquanto eles conversavam, a floresta escura e a fogueira flamejante lá embaixo haviam desaparecido; estavam os dois em Inverness, bem aconchegados no escritório do reverendo, com a chuva a bater nas janelas e o barulho do tráfego na rua. Isso acontecia com frequência quando conversavam assim, só os dois. Então alguma coisinha de nada destruía o instante, e o mundo de seu próprio tempo desaparecia num átimo de segundo; nesse dia, foi um grito vindo da fogueira quando as pessoas começaram a bater palmas e cantar.

E se ele não estivesse aqui, pensou ela de repente? Será que eu conseguiria trazer tudo de volta sozinha?

Um espasmo de pânico primevo a dominou ao pensar nisso, só por um segundo. Sem Roger para lhe servir de referência, apenas com suas próprias lembranças para ancorá-la ao futuro, esse tempo se perderia. Se dissolveria em sonhos enevoados e se perderia, deixando-a sem chão firme de realidade no qual pisar.

Ela inspirou fundo o ar frio da noite, com seu cheiro forte de fumaça de fogueira, e cravou as bases dos dedos dos pés com força no chão ao caminhar, tentando se sentir sólida.

– MamãeMamãeMAMÃE! – Um pequeno borrão se destacou da confusão em volta da fogueira e veio na sua direção feito um foguete, trombando em suas pernas com força suficiente para fazê-la se agarrar no braço de Roger.

– Jem! Aí está você!

Ela o recolheu do chão e enterrou o rosto em seus cabelos, que tinham um cheiro gostoso de cabra, feno e linguiça temperada. O menino era pesado e mais do que sólido.

Então Ute McGillivray se virou e os viu. Seu rosto largo tinha o cenho franzido, mas ao vê-los se abriu e tornou-se radiante de alegria. As pessoas se viraram ao ouvi-la cumprimentá-los, e na mesma hora os dois foram rodeados pela multidão, todos fazendo perguntas e expressando uma surpresa satisfeita com sua chegada.

Algumas perguntas foram feitas sobre a família holandesa, mas Kenny Lindsay já trouxera mais cedo a notícia do incêndio. Brianna ficou grata por isso. As pessoas estalaram os lábios e balançaram a cabeça, mas a essa altura já haviam exaurido quase todas as suas especulações horrorizadas e estavam passando para outros assuntos. O frio dos túmulos abaixo dos abetos ainda perdurava como uma leve friagem em seu coração; ela não tinha desejo algum de tornar *essa* experiência real outra vez falando a respeito.

O casal que acabara de ficar noivo estava sentado junto sobre dois baldes virados, de mãos dadas, rostos felizes à luz da fogueira.

– Ganhei – disse Brianna, sorrindo ao ver os dois. – Eles não parecem felizes?

– Parecem – concordou Roger. – Duvido que Ronnie Sinclair esteja. Ele está aqui?

Ele olhou em volta, e Brianna fez o mesmo, mas o tanoeiro não estava por perto.

– Espere... ele está na oficina – disse ela, levando a mão ao pulso de Roger e meneando a cabeça em direção à pequena construção do outro lado da rua. Não havia janelas daquele lado da tanoaria, mas dava para ver uma luz débil ao redor da moldura da porta fechada.

Roger olhou da oficina escurecida para o grupo animado ao redor da fogueira; muitos dos parentes de Ute tinham vindo de Salem junto com o noivo sortudo e seus amigos, trazendo consigo um imenso barril de cerveja preta que contribuía para a comemoração. O lúpulo deixava o ar com cheiro de fermento.

A tanoaria, por sua vez, tinha um aspecto desolado e contrariado. Ela se perguntou se alguém em volta da fogueira já teria dado pela falta de Ronnie Sinclair.

– Vou lá dar uma palavrinha com ele, está bem? – Roger a tocou de volta, num gesto breve de afeição. – Ele talvez esteja precisando de um ouvido compreensivo.

– Isso e uma bebida forte?

Ela meneou a cabeça em direção à casa, onde pela porta aberta se podia ver Robin McGillivray servindo o que ela supôs ser uísque para um círculo seletivo de amigos.

– Imagino que ele tenha conseguido isso sozinho – respondeu Roger, seco.

Afastou-se dela e deu a volta no grupo animado ao redor da fogueira. Desapareceu no escuro, mas ela então viu a porta da tanoaria se abrir, a silhueta de Roger se desenhar por um breve instante contra a claridade do interior e sua forma alta tapar a luz antes de ele desaparecer lá dentro.

– Mamãe, quero beber!

Jemmy se contorcia feito um girino para tentar descer. Ela o pôs no chão e ele partiu como uma flecha, quase derrubando uma senhora corpulenta com uma bandeja de salgadinhos de milho frito.

O cheiro dos salgadinhos fumegantes a fez lembrar que não havia jantado, e ela foi atrás de Jemmy até a mesa de comida, onde Lizzie, em seu papel de quase-filha-da-casa, serviu-a generosamente de *sauerkraut*, linguiça, ovos defumados e algo feito com milho e abóbora.

– E onde está o *seu* queridinho, Lizzie? – indagou ela, em tom de provocação. – Você não deveria estar aconchegada com ele?

– Ah, ele? – Lizzie fez cara de quem se lembra de algo vagamente interessante, mas sem importância imediata. – Manfred, você quer dizer? Ele está... ali.

Ela estreitou os olhos devido à claridade do fogo e apontou com a colher de servir. Manfred McGillivray, seu noivo, estava junto com três ou quatro outros rapazes, todos de braços dados e se balançando para a frente e para trás enquanto cantavam alguma coisa em alemão. Pareciam estar com dificuldade para recordar as palavras, pois todos os versos terminavam em risos, empurrões e acusações.

– Tome, *Schätzchen*... isso quer dizer “querido” em alemão, sabia? – explicou Lizzie, abaixando-se para dar um pedaço de linguiça para Jemmy.

O menino pegou o pedaço como se fosse uma foca faminta, mastigou diligentemente, então resmungou “Quebeber” e se afastou para dentro da noite.

– Jem!

Brianna fez menção de ir atrás dele, mas foi impedida por uma multidão vinda em sentido contrário na direção da mesa.

– Ah, não se preocupe com ele – garantiu-lhe Lizzie. – Todo mundo sabe quem ele é. Não vai lhe acontecer nada de ruim.

Brianna mesmo assim poderia ter ido atrás do filho, não fosse ter visto uma pequena cabeça loura surgir junto da de Jem. Era Germain, amigo do peito do menino. Germain tinha dois anos a mais e um conhecimento do mundo muito maior do que o de um menino normal de sua idade, graças em grande parte à instrução do pai. Brianna torceu para ele não estar batendo carteiras entre os convidados, e fez uma anotação mental para revistá-lo mais tarde em busca de algum contrabando.

Como Germain segurava Jem pela mão com firmeza, ela se permitiu ser convencida a se sentar com Lizzie, Inga e Hilda sobre os rolos de feno que tinham sido posicionados um pouco afastados da fogueira.

– E o *seu* queridinho, onde está? – provocou Hilda. – Aquele seu diabo negro alto e bonito?

– Ah, ele? – respondeu Brianna, imitando Lizzie, e todas se puseram a urrar de tanto rir de um modo nada recatado; estava claro que a cerveja vinha sendo servida havia algum tempo. – Foi reconfortar Ronnie – disse ela, com um meneio de cabeça em direção à tanoaria escura. – Sua mãe ficou chateada com a escolha de Senga?



– Ah, ficou – respondeu Inga, revirando os olhos de modo muito expressivo. – Você deveria ter visto as duas, ela e Senga. Pareciam dois bichos. Papai foi pescar e ficou fora três dias.

Brianna encolheu a cabeça para esconder um sorriso. Robin McGillivray gostava de uma vida tranquila, algo que não tinha probabilidade alguma de ter na companhia da esposa e das filhas.

– Ah, bem – fez Hilda, filosófica, inclinando-se um pouco para trás para aliviar o desconforto da primeira gestação, já bem avançada. – Ela na verdade não podia dizer muita coisa, *meine Mutter*. Afinal de contas, Heinrich é filho do seu próprio primo. Apesar de ser *pobre*.

– Mas ele é jovem – acrescentou Inga, prática. – Papai diz que Heinrich vai ter tempo de ficar rico.

Ronnie Sinclair não era exatamente rico... e tinha *trinta* anos a mais do que Senga. Por outro lado, além da própria tanoaria, era dono também de metade da casa na qual ele e os McGillivrays moravam. E Ute, após orientar as duas filhas mais velhas na direção de casamentos sólidos com homens de posses, decerto tinha visto as vantagens de uma união entre Senga e Ronnie.

– Posso entender que talvez seja meio esquisito – disse Brianna com tato. – Ronnie continuar morando com a sua família depois de...

Ela indicou com a cabeça os dois noivos, ocupados em dar pedaços de bolo na boca um do outro.

– Uh! – exclamou Hilda, revirando os olhos. – Que bom que eu não estou morando lá!

Inga concordou vigorosamente, mas acrescentou:

– Bem, mas *Mutti* não é de chorar sobre o leite derramado. Ela está de olho numa esposa para Ronnie. Você vai ver só.

Ela inclinou a cabeça em direção à mesa de comida, onde sua mãe conversava e sorria para um grupo de mulheres alemãs.

– Quem você acha que ela escolheu? – perguntou Inga à irmã, com os olhos estreitados, enquanto observava a mãe agir. – Aquela pequena Gretchen? Ou quem sabe a prima do seu Archie? Aquela meio estrábica... Seona?

Ao ouvir isso, Hilda, que era casada com um escocês do condado de Surry, fez que não com a cabeça.

– Ela vai querer uma moça alemã – objetou. – Pois vai ficar pensando no que vai acontecer se Ronnie morrer e a mulher se casar de novo. Se for uma moça alemã, há chances de mamãe conseguir forçá-la a se casar em segundas núpcias com um de seus sobrinhos ou primos... para manter a herança na família, não é?

Brianna escutou fascinada as moças debaterem a situação com perfeita neutralidade, e se perguntou se Ronnie Sinclair fazia alguma ideia de que o seu destino estava sendo decidido daquele jeito pragmático. Mas ele já morava com os

McGillivrays fazia mais de um ano, raciocinou; devia ter alguma noção dos métodos de Ute.

Agradecendo a Deus em silêncio por ela própria não ter sido incentivada a morar na mesma casa que a temível Frau McGillivray, Brianna olhou em volta à procura de Lizzie e sentiu uma pontada de empatia por ela. Após se casar com Manfred no ano seguinte, Lizzie iria, *ela sim*, morar com Ute.

Ao ouvir o nome “Wemyss”, voltou a prestar atenção na conversa em curso, apenas para descobrir que as moças não estavam falando sobre Lizzie, mas sobre o pai da moça.

– Tia Gertrud – declarou Hilda, e arrotou de leve, com a mão fechada em frente à boca. – Ela própria é viúva; seria o melhor partido para ele.

– Tia Gertrud mataria o pobrezinho do sr. Wemyss em um ano – objetou Inga, aos risos. – Ela tem o dobro do tamanho dele. Se não o matasse de exaustão, rolaria para cima dele dormindo e o esmagaria.

Hilda levou as duas mãos espalmadas à boca, mas menos por estar chocada e mais para abafar os risos. Brianna pensou que ela também devia ter bebido seu quinhão de cerveja: estava com a touca meio torta e o rosto pálido corado, mesmo à luz da fogueira.

– É, bem, acho que ele não se incomoda muito com essa ideia. Está vendo ele ali?

Hilda meneou a cabeça para atrás dos bebedores de cerveja, e Brianna não teve dificuldade alguma para distinguir a cabeça do sr. Wemyss, cujos cabelos eram claros e finos como os da filha. Ele conversava animadamente com uma mulher corpulenta de avental e touca, que o cutucava nas costelas com intimidade, aos risos.

Enquanto Brianna olhava, Ute McGillivray avançou em sua direção seguida por uma mulher loura e alta, um pouco hesitante, com as mãos unidas sob o avental.

– Ah, quem é essa? – Inga esticou o pescoço feito um ganso, e sua irmã, escandalizada, deu-lhe uma cotovelada.

– *Lass das, du alte Ziege! Mutti* está olhando para cá!

Lizzie havia se levantado um pouco, de joelhos, para espiar.

– Quem...? – começou ela, com uma voz que parecia a de uma coruja. Sua atenção foi momentaneamente distraída por Manfred, que se ajoelhou ao seu lado no feno, sorrindo simpático.

– Como vão as coisas, *Herzchen*? – indagou ele, passando um braço em volta da sua cintura e tentando beijá-la.

– Quem é aquela, Freddie? – indagou Lizzie, esquivando-se agilmente do abraço dele e apontando com discrição para a mulher loura, que sorria tímida enquanto Frau Ute a apresentava ao sr. Wemyss.

Manfred piscou os olhos e titubeou um pouco sobre os joelhos, mas respondeu sem muita demora.

– Ah. Aquela é Fraulein Berrisch. Irmã do pastor Berrisch.

Inga e Hilda emitiram pequenos arrulhos de interesse; Lizzie franziu um pouco a

testa, mas em seguida relaxou ao ver o pai inclinar a cabeça para trás de modo a se dirigir à recém-chegada; Fraulein Berrisch tinha quase a mesma altura de Brianna.

*Bem, isso explica por que ela ainda é uma Fraulein*, pensou Brianna, com empatia. Os cabelos da mulher tinham alguns fios grisalhos nas partes visíveis por baixo da touca e seu rosto era bastante sem graça, embora os olhos irradiassem uma doçura tranquila.

– Ah, então ela é protestante – disse Lizzie num tom de descaso que deixou bem claro que a Fraulein não chegava a poder ser considerada um partido potencial para seu pai.

– Sim, mas apesar disso é uma boa mulher. Venha dançar, Elizabeth.

Manfred claramente havia perdido qualquer interesse no sr. Wemyss e na Fraulein. Sob protestos de Lizzie, puxou-a para fazê-la ficar em pé e a empurrou em direção ao círculo de dançarinos. Ela foi com relutância, mas Brianna viu que, quando os dois chegaram lá, Lizzie já estava rindo de algo que Manfred havia sussurrado, e ele, por sua vez, lhe sorria, com a luz da fogueira a iluminar suas belas faces. Os dois formavam um casal bonito, pensou ela, cuja aparência combinava mais do que a de Senga e seu Heinrich, que era alto, porém magrelo, e tinha o rosto um tanto anguloso.

Inga e Hilda haviam começado a bater boca em alemão, o que permitiu a Brianna se dedicar por completo a consumir com vontade o excelente jantar. Com a fome que estava, teria apreciado quase qualquer coisa, mas o *sauerkraut* azedinho e crocante e as linguiças cheias de caldo e especiarias eram uma iguaria rara.

Foi só quando ela limpou os últimos vestígios de molho e gordura do prato de madeira com um pedaço de pão de milho que deu uma olhadela em direção à tanoaria, pensando culpada que talvez devesse ter guardado um pouco para Roger. Ele era muito gentil por se preocupar com os sentimentos do pobre Ronnie. Sentiu por ele uma onda de orgulho e afeto. Talvez devesse ir até lá resgatá-lo.

Havia pousado o prato e estava ajeitando as saias e anáguas, preparando-se para pôr seu plano em ação, quando foi impedida por uma dupla de silhuetas miúdas que emergiram trançando da escuridão.

– Jem? – indagou ela, intrigada. – O que houve?

O fogo luzia nos cabelos de seu filho como se fosse cobre recém-fundido, mas o rosto mais embaixo estava branco e os olhos eram duas imensas piscinas escuras, fixos e vidrados.

– Jemmy!

O menino virou para ela um rosto inexpressivo, disse “Mamãe?” com uma voz débil e hesitante, em seguida se sentou de repente quando as pernas desabaram debaixo dele feito dois elásticos.

Ela chegou a perceber de modo difuso Germain se balançando feito uma árvore jovem sob a brisa forte, mas não pôde lhe dedicar qualquer atenção. Agarrou Jemmy, levantou-lhe a cabeça e o sacudiu um pouco.

– Jemmy! Acorde! O que aconteceu?  
– O rapazinho está caindo de bêbado, *a nighean* – disse uma voz acima dela num tom jocoso. – O que foi que a senhora andou lhe dando?

Robin McGillivray, ele próprio muito evidentemente um pouco alterado, inclinou-se e cutucou Jemmy de leve sem produzir nada além de um leve gorgolejo. Segurou um dos braços do menino, em seguida o soltou; o braço pendeu sem vida como um fio de espaguete cozido.

– *Eu* não dei nada a ele – respondeu Brianna, sentindo o pânico dar lugar a uma irritação crescente ao constatar que Jemmy na verdade estava apenas dormindo, com o pequeno peito a subir e descer num ritmo reconfortante. – Germain!

O outro menino havia se abaixado até formar um pequeno montinho, e cantava “Alouette” para si mesmo com uma voz sonhadora. Fora ela quem havia lhe ensinado aquilo; era a canção preferida dele.

– Germain! O que você deu para Jemmy beber?

– ... *j'te plumerai la tête...*

– *Germain!* – Ela o agarrou pelo braço, e ele parou de cantar e pareceu surpreso ao vê-la. – Germain, o que você deu para Jemmy?

– Ele estava com sede, senhora – respondeu Germain com um sorriso de incomparável doçura. – Queria beber alguma coisa.

Seus olhos então se reviraram nas órbitas e ele despencou para trás, flácido como um peixe morto.

– Ah, meu Deus do céu!

Inga e Hilda fizeram cara de chocadas, mas Brianna não estava com disposição para se importar com suas sensibilidades.

– Onde diabos está Marsali?

– Ela não está aqui – disse Inga, inclinando-se para a frente de modo a examinar Germain. – Parou na casa com as pequenas *maedchen*. Fergus está... – Ela se endireitou e olhou em volta vagamente. – Bom, eu o vi um tempinho atrás.

– Qual é o problema?

A voz rouca perto de seu ombro espantou Brianna, e ela se virou e deu com Roger, ar intrigado, rosto relaxado e sem a seriedade habitual.

– Seu filho é um bêbado – informou-lhe ela. Então sentiu o cheiro do hálito de Roger. – Está seguindo o exemplo do pai, pelo que posso ver – acrescentou, fria.

Ignorando o comentário, Roger sentou-se ao seu lado e pegou Jemmy no colo. Segurando o menininho apoiado nos próprios joelhos, deu uns tapinhas delicados, porém insistentes, em sua bochecha.

– Olá, Mej – falou, baixinho. – Olá. Está tudo bem, não está?

Como por magia, as pálpebras de Jemmy se abriram. Ele exibiu para o pai um sorriso sonhador.

– Oi, papai.

Ainda com o mesmo sorriso enlevado, seus olhos se fecharam e ele relaxou até ficar inteiramente flácido, com a bochecha esmagada contra o joelho do pai.

– Ele está bem – disse Roger a Brianna.

– Bom, ótimo – disse ela, não particularmente aplacada. – O que você acha que eles andaram tomando? Cerveja?

Roger se inclinou para a frente e cheirou os lábios tingidos de vermelho do filho.

– Cherry Bounce, acho. Tem um barril cheio lá perto do celeiro.

– Santo Deus!

Brianna nunca tinha bebido Cherry Bounce, mas a sra. Bug lhe ensinara como preparar a bebida: *“Pegue o suco de 1 bushel de cerejas, dissolva 10 quilos de açúcar por cima, depois coloque dentro de um barril de 150 litros e encha de uísque.”*

– Ele está bem. – Roger deu alguns tapinhas no seu braço. – Aquele ali é Germain?

– É. – Ela se inclinou para verificar, mas Germain dormia tranquilamente, também sorrindo. – Esse Cherry Bounce deve ser coisa boa.

Roger riu.

– É um horror. Parece xarope contra tosse de teor alcoólico industrial. Mas devo dizer que deixa a pessoa bem alegre.

– Você andou bebendo isso?

Ela o encarou com atenção, mas seus lábios pareciam estar da cor habitual.

– É claro que não. – Ele se inclinou para a frente e a beijou para provar o que dizia.

– Com certeza você não achou que um escocês feito Ronnie fosse lidar com a decepção bebendo Cherry Bounce, não é? Com uísque decente ao alcance da mão?

– Verdade – disse ela, e relanceou os olhos na direção da tanoaria. A débil clareza da lareira lá dentro e o contorno da porta haviam sumido, fazendo com que a construção agora não passasse de um débil retângulo negro contra a massa mais escura da floresta atrás. – Mas como Ronnie está lidando com a situação?

Brianna olhou em volta, mas Inga e Hilda tinham ido ajudar Frau Ute. Estavam todas reunidas em volta da mesa de comida, arrumando coisas.

– Ah, Ronnie está bem. – Roger tirou Jemmy do colo e o pôs delicadamente deitado de lado na palha junto a Germain. – Afinal, ele não estava apaixonado por Senga. Está sofrendo por causa da frustração sexual, não de um coração partido.

– Ah, bem, se for só isso – disse ela, seca. – Ele não vai precisar sofrer por muito mais tempo. Fui informada de que Frau Ute está cuidando muito bem do assunto.

– Sim, ela disse a Ronnie que vai lhe arrumar uma esposa. Ele está tendo o que se pode chamar de atitude filosófica em relação ao tema. Embora continue fedendo a desejo – completou ele, remexendo o nariz.

– Eca! Quer comer alguma coisa? – Brianna lançou um breve olhar na direção dos meninos e se levantou. – É melhor eu ir buscar algo para você antes que Ute e as meninas levem tudo embora.

Roger deu um bocejo repentino e prolongado.

– Não, estou sem fome. – Ele piscou para ela e lhe abriu um sorriso sonolento. – Vou avisar a Fergus onde está Germain, quem sabe pego algo para comer no caminho.

Com alguns tapinhas no ombro dela, ele se levantou, cambaleando de leve, e se afastou na direção da fogueira.

Brianna foi dar uma olhada nos meninos: ambos tinham a respiração profunda e regular, alheios ao mundo. Com um suspiro, ela os aproximou um do outro, empilhou palha em volta e os cobriu com a própria capa. Estava esfriando, mas o inverno já fora embora; não havia nenhuma sensação gélida no ar.

A festa ainda prosseguia, mas agora com menos animação. A dança havia parado e os convidados tinham se dividido em grupos menores, os homens reunidos em círculo junto ao fogo acendendo os cachimbos, os rapazes mais jovens sumidos em algum lugar. À sua volta, famílias se acomodavam para passar a noite, criando ninhos no feno para dormir. Alguns dentro da casa, outros no celeiro. Ela ouviu o som de um violão em algum lugar atrás da casa e uma única voz cantando algo lento e melancólico. Aquilo a fez ansiar de repente pelo som da voz de Roger tal como ela era antigamente, grave e afetuosa.

Ao pensar nisso, porém, percebeu uma coisa: a voz dele soara muito melhor quando ele voltara, depois de ir consolar Ronnie. Continuara rouca, com apenas um resquício do antigo tom grave... mas saíra com facilidade, sem aquele tom engasgado. Talvez o álcool relaxasse as cordas vocais?

O mais provável, pensou ela, era que o álcool simplesmente relaxasse Roger; que eliminasse parte das inibições dele em relação ao som da própria voz. Aquela era uma informação importante. Sua mãe havia opinado que a voz dele iria melhorar se ele a alongasse, se trabalhasse com ela, mas ele tinha vergonha de usá-la, e medo de sentir dor... quer devido à própria sensação de falar, ou então devido à diferença em relação ao modo como sua voz soava antes.

– Quem sabe eu não faço um pouco de Cherry Bounce? – disse ela em voz alta. Então olhou para as duas pequenas formas adormecidas no feno e pensou na possibilidade de acordar ao lado de três pessoas de ressaca quando chegasse a manhã. – Bem, talvez não.

Juntou feno suficiente para fazer um travesseiro e estendeu por cima seu lenço dobrado; eles passariam boa parte do dia seguinte tirando feno das roupas. Então se deitou e enroscou o corpo em volta do de Jem. Se algum dos dois meninos se mexesse ou vomitasse durante a noite, ela iria sentir e acordar.

A fogueira estava mais fraca; apenas uma franja irregular de chamas crepitava agora acima do leito de carvões em brasa, e os lampiões dispostos pelo quintal haviam todos se consumido ou sido apagados por economia. O violão e o canto tinham silenciado. Sem luz ou barulho para mantê-la afastada, a noite chegou, abrindo asas de silêncio frio sobre a montanha. Lá em cima, as estrelas brilhavam com intensidade, mas eram cabecinhas de alfinete a milênios de distância. Brianna fechou os olhos

diante da imensidão da noite e inclinou a cabeça para encostar os lábios na cabeça de Jem, aninhando-se contra a quentura dele.

Tentou organizar os pensamentos para poder dormir, mas sem a distração da companhia alheia e com o ar tomado pelo cheiro de madeira queimada a lembrança voltou, sorrateira, e suas preces de bênçãos habituais se tornaram súplicas por misericórdia e proteção.

– *Ele afastou de mim os meus irmãos; até os meus conhecidos estão longe de mim. Os meus parentes me abandonaram e os meus amigos esqueceram-se de mim.*

*Eu não vou me esquecer de vocês,* disse ela em silêncio para os mortos. Pareceu-lhe uma coisa tão pífia de se dizer, tão pequena e fútil... Mas era a única ao seu alcance.

Sentiu um breve calafrio e abraçou Jemmy com mais força.

O feno farfalhou de repente, e Roger se deitou ao seu lado. Passou um tempo se ajeitando, estendendo a própria capa por cima dela, então suspirou aliviado, e seu corpo relaxou junto ao de Brianna enquanto o braço dele a enlaçava pela cintura.

– Que dia danado de comprido, não?

Ela respondeu com um débil grunhido. Agora que tudo estava em silêncio e não havia mais necessidade de falar, observar ou prestar atenção, cada fibra de seus músculos parecia prestes a se dissolver de cansaço. Embora houvesse apenas uma fina camada de feno entre ela e o chão frio e duro, Brianna sentia o sono lambê-la feito a maré a subir por uma praia de areia, tranquilizadora e inexorável.

– Conseguiu comer alguma coisa?

Ela levou uma das mãos à perna de Roger, e o braço dele se contraiu por reflexo e a puxou mais para perto.

– Sim, se você achar que cerveja é comida. Muita gente acha. – Ele riu, e seu hálito exalou um vapor morno de lúpulo. – Estou sem fome.

O calor do corpo de Roger começava a atravessar as camadas de tecido entre os dois, dispersando o frescor da noite.

Jem sempre irradiava calor ao dormir. Tê-lo aninhado junto a si era como segurar uma panela de barro. Mas Roger estava aumentando ainda mais o calor. Bem, sua mãe dizia que um lampião a álcool ardia mais quente do que um a óleo.

Ela suspirou e tornou a se aconchegar junto dele, sentindo-se aquecida e protegida. Agora que tinha a família por perto, junta novamente e em segurança, a fria imensidão da noite havia desaparecido.

Roger cantarolava baixinho. Ela reparou nisso de modo um tanto súbito. Não havia melodia, mas Brianna podia sentir a vibração do peito dele nas costas. Não queria correr o risco de fazê-lo parar; aquilo com certeza devia ser bom para suas cordas vocais. Mas ele parou sozinho depois de algum tempo. Na esperança de fazê-lo recomeçar, ela estendeu a mão para trás e acariciou-lhe a perna, experimentando por sua vez um leve cantarolar interrogativo.

– Hummm-mmm?

Roger espalmou as mãos sobre suas nádegas e a abraçou com força.  
– Humm-humm – murmurou ele, no que soou como um misto de convite e satisfação.

Ela não respondeu, mas fez com o traseiro um leve movimento de negação. Em condições normais, isso o teria feito desistir. E ele *de fato* desistiu, mas só com uma das mãos, e apenas para descê-la por sua coxa com a óbvia intenção de segurar sua saia e levantá-la.

Brianna estendeu rapidamente o braço para trás e interceptou a mão exploradora, que trouxe até a frente do corpo e pousou sobre o próprio seio, numa indicação de que, embora apreciasse o gesto e em outras circunstâncias tivesse o prazer de correspondê-lo, naquele exato momento achava que...

Roger em geral tinha muito talento para interpretar sua linguagem corporal, mas ficou claro que essa habilidade fora embotada pelo uísque. Ou isso ou, como ocorreu a Brianna de repente, ele simplesmente não *estivesse ligando* para saber se ela queria...

– Roger! – sibilou ela.

Ele *tinha* recomeçado a cantarolar, e o som agora vinha entremeado com os ruídos graves e estalados que uma chaleira emite logo antes da fervura. Já tinha descido a mão por sua perna e subido por debaixo da saia, um contato quente sobre a carne da coxa, avançando depressa para cima... e para dentro. Jemmy tossiu e agitou os braços, e Brianna fez uma tentativa de chutar Roger na canela para sinalizar seu desagrado.

– Meu Deus, como você é linda – murmurou ele em seu cangote. – Ai, meu Deus, tão linda... Tão linda... tão... humm.

As palavras seguintes não passaram de um balbucio contra sua pele, mas ela *pensou* que Roger tivesse dito “escorregadia”. Os dedos dele alcançaram o alvo, e ela arqueou as costas para tentar se desvencilhar.

– Roger – falou, mantendo a voz baixa. – Roger, tem *gente* em volta!

E um menino pequeno aos roncões imóvel feito um peso de porta na sua frente.

Ele resmungou alguma coisa na qual foi possível distinguir as palavras “escuro” e “ninguém vai ver”, e então a mão exploratória se retirou... apenas para agarrar um punhado da saia e começar a afastar o pano.

Ele havia recomeçado a cantarolar, parando brevemente para murmurar:

– Eu te amo, te amo tanto...

– Eu também te amo – disse ela, estendendo a mão para trás e tentando segurar a dele. – Roger, *pare* com isso!

Ele parou, mas na mesma hora passou o braço em volta dela e a segurou pelo ombro. Um puxão rápido, e ela estava deitada de costas, olhando para as estrelas distantes lá em cima, que foram na mesma hora ocultadas pela cabeça e pelos ombros de Roger quando ele rolou para cima dela, produzindo um farfalhar bem alto de feno e roupas soltas.

– Jem...



Ela projetou uma das mãos na direção do filho, que não parecia ter sido incomodado pelo súbito desaparecimento de seu apoio nas costas, mas continuava encolhido no feno como um ouriço a hibernar.

Roger agora, por incrível que parecesse, estava *cantando*, se é que alguém podia chamar aquilo de canto. Ou pelo menos estava entoando as palavras de uma canção escocesa muito libidinosa sobre um moleiro atormentado por uma jovem que quer que ele moa o seu milho. Pedido que ele atende.

– Ele a jogou em cima dos sacos, e lá moeu seu milho, moeu seu milho...

Roger cantava no ouvido de Brianna com seu hálito quente enquanto o peso inteiro de seu corpo a imobilizava no chão e as estrelas rodopiavam loucamente no céu.

Ela pensou que a descrição que ele tinha feito de Ronnie como “fedendo a desejo” fosse apenas uma figura de linguagem, mas claramente não. Carne exposta encostou em carne exposta, e logo as duas se fundiram. Brianna deu um arquejo. Roger também.

– Ai, meu Deus! – exclamou ele.

Parou de se mexer, imobilizando-se um instante contra o céu acima, em seguida suspirou num êxtase de eflúvios de uísque e começou a se mover junto com ela, cantarolando. Estava *mesmo* escuro, graças a Deus, embora nem de longe escuro o bastante. Os resquícios da fogueira lançavam sobre o rosto dele uma claridade sinistra, e ele por um instante pareceu o grande e belo diabo negro de que Inga o havia chamado.

*Relaxe e goze*, pensou ela. O feno farfalhava bastante, mas havia outros farfalhares em volta, e o vento a gemer por entre as árvores no vale estreito quase bastava para abafar todos eles.

Ela conseguiu reprimir o constrangimento, e estava de fato começando a gostar quando Roger enfiou as mãos por baixo dela e a levantou.

– Enrosque as pernas em volta de mim – sussurrou ele, e mordiscou o lóbulo de sua orelha. – Enrosque as pernas nas minhas costas e bata na minha bunda com os calcanhares.

Movida em parte por uma luxúria equivalente à dele, em parte pelo desejo de expulsar o ar de dentro do marido como se ele fosse um acordeão, ela escancarou as pernas e as levantou bem alto, unindo-as bem apertadas em volta das costas que se moviam. Roger grunhiu de êxtase e redobrou seus esforços. A luxúria estava ganhando. Brianna tinha quase esquecido onde eles estavam.

Agarrando-se com toda a força e adorando a viagem, ela arqueou as costas e teve um espasmo, estremeando encostada no calor de Roger, sentindo o toque frio e elétrico do vento da noite nas coxas e nádegas expostas na escuridão. Tremendo e gemendo, derreteu-se outra vez por cima do feno com as pernas ainda unidas em volta dos quadris de Roger. Sem ossos, sem nervos, deixou a cabeça pender para o lado e bem devagar, languidamente, abriu os olhos.

Havia alguém ali. Ela viu movimento no escuro e gelou. Era Fergus, que tinha

vindo buscar o filho. Ela ouviu o murmúrio de sua voz falando em francês com Germain, e o leve farfalhar de seus passos se afastando pelo feno.

Ficou deitada sem se mexer, com o coração disparado, as pernas ainda presas no mesmo lugar. Roger, enquanto isso, havia se acalmado também. Com a cabeça pendurada e os longos cabelos a roçar o rosto dela qual teias de aranha no escuro, ele murmurou:

– Eu te amo... Meu Deus, eu te amo... – E abaixou-se lenta e delicadamente. Então tornou a falar num sussurro. – Obrigado – disse no seu ouvido, e rendeu-se a uma cálida semiconsciência em cima dela, com a respiração ofegante.

– Ah – fez ela, erguendo os olhos para as estrelas tranquilas. – De nada. – Moveu as pernas enrijecidas e, com alguma dificuldade, desvencilhou-se de Roger, cobriu ambos como podia, e restaurou seu abençoado anonimato em seu ninho forrado de feno, com Jemmy guardado em segurança entre os dois. – Ei – falou de repente, e Roger se mexeu.

– Há?

– Que tipo de monstro era Eigger?

Ele riu, e o som saiu grave e nítido.

– Ah, Eigger era um pão de ló gigante. Com glacê de chocolate. Ele caía por cima dos outros monstros e os sufocava de doçura.

Ele tornou a rir, deu um soluço e afundou no feno.

– Roger? – chamou Brianna baixinho segundos depois.

Não houve resposta, e ela estendeu a mão por cima do corpo adormecido do filho até pousá-la de leve no braço do marido.

– Cante para mim – pediu, num sussurro, embora soubesse que ele já estava dormindo.

## 7

### JAMES FRASER, AGENTE INDÍGENA

– James Fraser, agente indígena – falei, fechando um dos olhos como se estivesse lendo as palavras numa tela. – Parece nome de seriado de faroeste.

Jamie interrompeu o ato de tirar as meias e me encarou com ar desconfiado.

– É mesmo? Isso é bom?

– Levando em conta que o herói de um seriado nunca morre, sim.

– Nesse caso, sou a favor – disse ele, examinando a meia que acabara de tirar. Cheirou-a desconfiado, esfregou o polegar num pedaço puído no calcanhar, balançou a cabeça e a jogou no cesto de roupa suja. – Eu preciso cantar?

– Can... ah – falei, lembrando que, da última vez que tentara lhe explicar o que era uma televisão, minhas descrições haviam se concentrado basicamente no *The Ed Sullivan Show*. – Não, acho que não. Nem pular de um trapézio, ainda.

– Bom, é um consolo. Não sou mais tão jovem quanto antigamente, sabe? – Ele se levantou e se espreguiçou, grunhindo. A casa fora construída com pé-direito de 2,5 metros para acomodar sua altura, mas mesmo assim seus punhos fechados tocaram as vigas de pinheiro. – Meu Deus, que dia comprido!

– Bem, está quase no fim – falei, cheirando por minha vez o corpete do vestido que acabara de tirar. Tinha um cheiro forte, mas não desagradável, de cavalo e fumaça de madeira. Arejar um pouco, decidi, e ver se ele ainda poderia passar mais um tempinho sem ser lavado. – Eu não poderia ter pulado de um trapézio *nem* quando era jovem.

– Eu pagaria para vê-la tentar – disse ele, sorrindo.

– O *que* é um agente indígena? – perguntei. – MacDonald parecia pensar que estava lhe fazendo um favor ao sugerir seu nome para o cargo.

Ele deu de ombros e soltou a fivela do kilt.

– Ele sem dúvida acha que está. – Deu uma primeira sacudida na peça, e uma leve camada de poeira e crina de cavalo se assentou no chão abaixo da roupa. Ele foi até a janela, abriu a persiana, estendeu o kilt para fora e o sacudiu com mais força. – E estaria... – Sua voz chegou mais fraca da noite lá fora, em seguida mais forte quando ele tornou a se virar. – ... se não fosse essa sua guerra.

– *Minha* guerra? – falei, indignada. – Pelo jeito como você fala, parece que eu estou sugerindo iniciá-la sozinha.

Ele fez um pequeno gesto de quem descarta o assunto.

– Você sabe do que eu estou falando. Um agente indígena, Sassenach, é exatamente o que parece ser: um sujeito que sai por aí parlamentando com os índios da região, dando-lhes presentes e levando-os para passear na esperança de que eles se aliem aos interesses da Coroa, sejam eles quais forem.

– Ah? E que Departamento do Sul é esse que MacDonald mencionou?

Relanceei os olhos de modo involuntário em direção à porta fechada do nosso quarto, mas um ronco abafado vindo do outro lado do corredor indicava que nosso hóspede já tinha sucumbido aos braços de Morfeu.

– Humm. Existe um Departamento do Sul e um Departamento do Norte para lidar com questões indígenas nas colônias. O Departamento do Sul está subordinado a John Stuart, que é de Inverness. Vire-se, deixe que eu faça.

Virei-lhe as costas agradecida. Com uma perícia advinda de longa experiência, ele soltou os cordões do meu espartilho em poucos segundos. Dei um suspiro fundo quando este se soltou e caiu. Jamie descolou a combinação do meu corpo e massageou minhas costelas nos pontos em que as barbatanas haviam enterrado o tecido úmido na minha pele.

– Obrigada. – Suspirei de prazer e me encostei nele. – E, por ser de Inverness, MacDonald acredita que esse tal de Stuart vai ter uma predisposição natural para empregar outros originários das Terras Altas?

– Isso talvez dependa de Stuart ter ou não conhecido algum dos meus parentes – disse Jamie, seco. – Mas, sim, é o que MacDonald pensa.

Ele me beijou no cocuruto com um afeto distraído, então afastou as mãos e começou a soltar a rede que lhe prendia os cabelos.

– Sente-se – falei, pisando fora do meu espartilho caído. – Deixe que eu faço.

Ele se sentou no banquinho de camisa e fechou os olhos, relaxando por um instante enquanto eu desfazia a trança de seus cabelos. Havia passado os três dias anteriores usando-o preso num rabo de cavalo apertado para poder cavalgar; enfi as mãos dentro daquela cabeleira morna e ruiva conforme esta foi se soltando da trança, e as ondas libertas cascadearam à luz da lareira, cor de canela, ouro e prata, enquanto eu esfregava delicadamente o couro cabeludo de Jamie com as pontas dos dedos.

– Presentes, você disse. Quem fornece esses presentes é a Coroa?

Eu já havia percebido que a Coroa tinha o mau hábito de “honrar” homens importantes com cargos que lhes exigiam se desprender de grandes quantidades do próprio dinheiro.

– Em teoria, sim. – Ele deu um enorme bocejo, e seus ombros largos afundaram confortavelmente enquanto eu pegava minha escova de cabelos e começava a fazer sua toaleta. – Ah, que gostoso. É por isso que MacDonald acha que o cargo é um favor: existe a possibilidade de lucrar com o comércio.

– Além de oportunidades excelentes para a corrupção em geral. Sim, entendo. – Passei alguns minutos escovando seus cabelos antes de tornar a falar. – Você vai aceitar? – perguntei.

– Não sei. Preciso pensar um pouco. Você estava falando em faroeste... Brianna já usou essa palavra, quando estava me contando sobre os cabos...

– Caubóis.

Ele descartou a correção com um gesto.

– E os índios. É mesmo verdade, o que ela diz sobre os índios?

– Se o que ela diz é que eles serão em grande parte exterminados ao longo do próximo século ou algo do tipo, sim, ela está certa. – Alisei seus cabelos, em seguida me sentei na cama de frente para ele e comecei a escovar os meus. – Isso o incomoda?

As sobrancelhas dele se aproximaram um pouco enquanto ele refletia sobre a pergunta, e ele coçou o peito de um jeito distraído no ponto em que os pelos dourados meio ruivos apareciam pelo colarinho aberto da camisa.

– Não – respondeu devagar. – Não exatamente. Não é como se fosse eu que devesse matá-los com minhas próprias mãos. Mas... está chegando a hora, não é? A hora em que vou ter de pisar com cuidado se quiser andar no meio do fogo.

– Infelizmente, acho que sim – falei, e uma tensão desagradável pairou entre meus ombros.

Entendi com toda a clareza a que ele estava se referindo. As linhas de batalha ainda não estavam claras... mas estavam sendo traçadas. Tornar-se agente indígena da Coroa

era aparentar ser legalista... fato que, por enquanto, não representava problema algum, uma vez que o movimento rebelde não passava de uma franja radical com bolsões de insatisfação. Mas que ficava muito, muito perigoso à medida que nos aproximávamos do ponto em que os insatisfeitos assumiam o poder e a independência era declarada.

Por conhecer o eventual desfecho, Jamie não se atrevia a esperar demais para se aliar aos rebeldes... mas fazer isso com demasiada antecedência era correr o risco de ser preso por alta traição. Uma perspectiva nada boa para um homem que já era um traidor perdoado.

– É claro que, se você *fosse* um agente indígena, imagino que talvez pudesse convencer algumas das tribos a apoiarem o lado americano... ou pelo menos a ficarem neutras – falei, tímida.

– Pode ser – concordou ele, com certo timbre pessimista na voz. – Mas, deixando de lado qualquer questão relacionada à honradez de tal comportamento... isso ajudaria a condená-los, não? Você acha que a mesma coisa iria lhes acontecer no futuro caso os ingleses vencessem?

– Eles não vão vencer – falei, com uma leve irritação.

Ele me lançou um olhar incisivo.

– Eu acredito em você – falou, com irritação semelhante. – Tenho motivos para acreditar, não é?

Aquiesci, com os lábios contraídos numa linha. Não queria falar sobre o último levante. Tampouco sobre a revolução que estava por vir, mas quanto a isso havia pouca alternativa.

– Não sei – falei, e respirei fundo. – Ninguém pode dizer, uma vez que não aconteceu... mas se eu tivesse de *supor*... nesse caso, acho que os índios talvez possam se sair melhor sob o domínio inglês. – Sorri para ele com certa tristeza. – Acredite ou não, o Império Britânico em grande medida conseguiu... ou vai conseguir, eu deveria dizer, administrar suas colônias sem exterminar *por completo* a população nativa.

– Com exceção do pessoal das Terras Altas – rebateu ele, muito seco. – Sim, Sas-senach, eu confio no que você diz.

Jamie se levantou, correu a mão pelos cabelos, e vi de relance a pequena risca grisalha no meio dos fios, legado de um ferimento à bala.

– Você deveria conversar com Roger sobre isso – aconselhei. – Ele sabe muito mais do que eu.

Ele assentiu, mas, tirando uma leve careta, não respondeu nada.

– Falando em Roger, aonde você acha que ele e Bree foram?

– Para a casa dos McGillivrays, imagino – respondeu ele, espantado. – Buscar o pequeno Jem.

– Como você sabe? – indaguei, igualmente espantada.

– Quando tem alguma coisa ruim acontecendo por perto, um homem quer ter a família segura diante dos olhos, sabe?

Ele arqueou a sobrancelha para mim e, levando a mão até o alto do guarda-roupa, pegou a espada. Desembainhou-a até a metade, em seguida a recolocou e tornou a pôr a bainha no lugar delicadamente, com a espada solta e o cabo bem ao alcance da mão.

Trouxera consigo para o andar de cima uma pistola carregada, que estava pousada sobre a pia junto à janela. Igualmente carregados e preparados, o fuzil e a caçadeira estavam pendurados em seus ganchos acima da lareira no térreo. Por fim, com um pequeno e irônico floreio, ele sacou a adaga escocesa do coldre no cinto e a guardou bem guardadinha debaixo de nosso travesseiro.

– Às vezes eu me esqueço – falei com certa nostalgia ao ver aquilo.

Houvera uma adaga debaixo do travesseiro de nossa cama de núpcias... e de muitas outras desde então.

– Esquece mesmo?

Isso o fez sorrir; um sorriso meio torto, mas mesmo assim um sorriso.

– E você, não? Nunca?

Ele fez que não com a cabeça, sem deixar de sorrir, embora com um quê de pesar.

– Às vezes eu gostaria de esquecer.

Esse diálogo foi interrompido por um muxoxo repleto de perdigotos do outro lado do corredor, seguido por um barulho de cobertas sendo atiradas longe, palavras violentos e um *tum!* distinto, como se alguma coisa, provavelmente um sapato, houvesse acertado a parede.

– Porra de gato! – berrou o major MacDonald.

Sentei-me, com a mão pressionada sobre a boca, enquanto pisadas de pés descalços vibravam por sobre as tábuas do piso, seguidas pelo breve estrondo da porta do major, que se abriu e em seguida bateu bem alto.

Jamie também havia congelado por um instante. Então se moveu, com toda a delicadeza, e sem fazer barulho entreabriu a porta do nosso quarto. Com o rabo empinado e formando um S arrogante, Adso entrou. Ignorando-nos com magnanimidade, atravessou o quarto, pulou com leveza para cima da pia e sentou-se dentro da cuba, onde levantou uma pata traseira e começou com toda a calma a lambe os próprios bagos.

– Uma vez vi um homem em Paris que conseguia fazer isso – observou Jamie, assistindo com interesse ao espetáculo.

– As pessoas se dispõem a pagar para ver essas coisas?

Imaginei que não fosse provável alguém executar uma performance pública daquelas apenas por diversão. Pelo menos não em Paris.

– Bom, não foi nem tanto o homem. Foi mais sua companheira, igualmente flexível. – Ele sorriu para mim, e o azul de seus olhos cintilou à luz das velas. – Como ver minhocas acasalando, não?

– Que fascinante – murmurei. Olhei para a pia, onde Adso agora fazia algo ainda mais indelicado. – Gato, sorte a sua o major não dormir armado. Ele poderia ter posto você na panela feito uma lebre ensopada.

– Ah, duvido. Nosso Donald deve dormir com uma faca... mas ele sabe muito bem onde estão suas prioridades. Você provavelmente não lhe serviria o café da manhã, e ele teria feito espetinho com o seu gato.

Olhei de relance para a porta. Os remelexos do colchão e os palavrões abafados vindos do outro lado do corredor haviam silenciado. Com a desenvoltura experiente de um soldado profissional, o major já estava bem adiantado a caminho da terra dos sonhos.

– Acho que não. Você tinha razão quanto a ele manobrar para conquistar os favores do novo governador. Imagino que seja esse o verdadeiro motivo para ele querer que você progrida politicamente, não?

Jamie assentiu, mas ficou claro que havia perdido o interesse em debater as manuações de MacDonald.

– Eu tinha *razão*, não tinha? Isso quer dizer que você tem que me pagar uma prenda, Sassenach.

Ele me encarou com um ar de especulação crescente, que torci para não ter sido muito inspirado pelas lembranças dos parisienses-minhocas.

– Ah, *é*? – Olhei para ele desconfiada. – E, ahn, *qual* prenda, exatamente...?

– Bem, ainda não decidi todos os detalhes, mas acho que talvez devêssemos deitar na cama para começar.

Aquilo parecia um início razoável para a questão. Empilhei os travesseiros na cabeceira, detendo-me para remover a adaga, e então subi. Tornei a me deter, porém, e me curvei para girar a manivela da cama, esticando as cordas que sustentavam o colchão até o estrado ranger e as cordas produzirem um rangido estalado.

– Muito esperto, Sassenach – disse Jamie atrás de mim, parecendo achar aquilo divertido.

– Experiência – informei-lhe, subindo de quatro na cama recém-esticada. – Já acordei muitas vezes depois de passar a noite com você com o colchão dobrado em volta das orelhas e a bunda a não mais de 2 centímetros do chão.

– Ah, imagino que a sua bunda vá acabar um pouco mais alto do que isso – garantiu-me ele.

– Ah, você vai me deixar ficar por cima?

Isso me causava sentimentos contraditórios. Eu estava desesperada de cansaço e, embora gostasse de ficar por cima de Jamie, havia passado mais de dez horas no lombo de um cavalo, e os músculos das coxas exigidos por ambas as atividades tremiam de modo espasmódico.

– Quem sabe mais tarde – disse ele, estreitando os olhos para pensar. – Deite-se, Sassenach, e levante essa combinação. Depois abra as pernas para mim, pronto, boa menina, não, um pouco mais abertas, sim? – Com lentidão deliberada, ele começou a tirar a camisa.

Suspirei e mudei um pouco a posição das nádegas, à procura de uma postura que não fosse me dar cãibras caso eu precisasse mantê-la por muito tempo.

– Se estiver pensando no que acho que está pensando, vai se arrepender. Eu nem tomei banho direito – falei, em tom de repreensão. – Estou imunda e com cheiro de cavalo.

Nu, ele ergueu um dos braços e deu uma cafungada avaliadora.

– Ah, é? Bom, eu também. Não faz mal, eu gosto de cavalos.

Ele havia abandonado qualquer demora fingida, mas parou para observar seus preparativos, avaliando-me com ar de aprovação.

– Sim, muito bom. Agora, se você puder apenas levantar as mãos acima da cabeça e segurar a cama...

– Você não faria isso! – exclamei, então baixei a voz, dando uma olhada involuntária em direção à porta. – Não com MacDonald do outro lado do corredor!

– Ah, faria sim – garantiu-me ele. – E MacDonald e dez outros iguais a ele que vão para o diabo. – No entanto, ele parou, estudou-me pensativo, e após alguns instantes suspirou e balançou a cabeça. – Não – falou baixinho. – Hoje, não. Você ainda está pensando naquele pobre coitado holandês e na família dele, não está?

– Estou. Você não?

Com um suspiro, ele se sentou ao meu lado na cama.

– Estou fazendo o possível para não pensar – respondeu, com franqueza. – Mas os que acabaram de morrer não descansam fácil na cova, não é?

Pus a mão no seu braço, aliviada por ele sentir a mesma coisa. O ar noturno parecia inquieto com a passagem de espíritos, e eu havia sentido a melancolia persistente daquele jardim desolado, daquela fileira de túmulos, durante todos os acontecimentos e sustos da noite.

Era *mesmo* uma noite para se estar trancado em segurança, com um bom fogo na lareira e gente por perto. A casa estremeceu e as persianas rangeram com o vento.

– Eu quero você sim, Claire – disse Jamie baixinho. – Preciso... se você quiser.

E se eles houvessem passado daquele jeito a noite anterior à sua morte?, pensei. Tranquilos e aconchegados entre as paredes de casa, marido e mulher sussurrando um para o outro, deitados juntinhos na cama, sem saber o que o futuro reservava. Vi na lembrança as longas coxas brancas da mulher e o vento a soprar acima dela, e entrevi o pequeno tufo encaracolado entre as pernas, as partes íntimas pálidas feito mármore esculpido sob aquele halo de pelos castanhos, a costura fechada como na estátua de uma virgem.

– Eu também preciso – falei, igualmente baixinho. – Venha cá.

Ele se inclinou mais para perto e, com um gesto preciso, puxou o cordão da gola da minha combinação e fez o linho gasto despencar por meus ombros. Tentei segurar o tecido, mas ele agarrou minha mão e a imobilizou junto à lateral do meu corpo. Com um dos dedos, empurrou a combinação mais para baixo, então apagou a vela, e num escuro que recendia a cera, mel e suor de cavalo me beijou na testa, nos olhos, no canto das faces, nos lábios e no queixo, e continuou assim, vagaroso e com os lábios macios, até os arcos dos meus pés.



Então subiu e passou muito tempo chupando meus seios enquanto eu corria a mão por suas costas e segurava suas nádegas, nuas e vulneráveis no escuro.

Ao final, permanecemos deitados num agradável emaranhado em formato de minhocas. A única luz do quarto era uma débil claridade vinda da lareira onde agora só havia brasas. De tão cansada, eu podia sentir o corpo afundar no colchão, e tudo que desejava era continuar afundando, mais e mais, em direção à bem-vinda escuridão do esquecimento.

– Sassenach?

– Hã?

Após um instante de hesitação, sua mão encontrou a minha e a envolveu.

– Você não faria o que ela fez, faria?

– Quem?

– Ela. A holandesa.

Arrancada do limiar do sono, eu estava atordoada e confusa, o suficiente para que até mesmo a imagem da morta, com o avental que lhe servia de mortalha, parecesse irreal, não mais perturbadora do que os fragmentos aleatórios de realidade que meu cérebro lançava pelas amuradas no esforço vão de se manter à superfície à medida que eu afundava nas profundezas do sono.

– Fazer o quê? Cair dentro da lareira? Vou tentar – garanti a ele, bocejando. – Boa noite.

– Não. Acorde. – Ele sacudiu de leve o meu braço. – Fale comigo, Sassenach.

– Humm. – Foi um esforço considerável, mas afastei os sedutores braços de Morfeu e rolei de lado até ficar de frente para ele. – Humm. Falar com você. Sobre...?

– A holandesa – repetiu ele, paciente. – Se eu fosse morto, você não mataria sua família inteira, mataria?

– O quê? – Esfreguei o rosto com a mão livre para tentar entender aquilo em meio aos frangalhos esvoaçantes do sono. – A família inteira de quem... ah. Você acha que ela fez de propósito? Envenenou todos eles?

– Acho que talvez, sim.

As palavras dele não passaram de um sussurro, mas me trouxeram de volta à plena consciência. Passei alguns instantes deitada em silêncio, então estendi a mão, querendo me certificar de que ele estava mesmo ali.

Estava: um objeto grande e sólido, o osso liso do quadril morno e vivo sob a minha mão.

– Poderia também ter sido um acidente – falei, em voz baixa. – Você não pode ter certeza.

– Não – reconheceu ele. – Mas não posso deixar de imaginar a cena. – Ele se virou de costas, inquieto. – Os homens apareceram – falou baixinho para as vigas do teto. – Ele os enfrentou, e eles o mataram ali, na porta de casa. E quando ela viu que seu homem estava morto, acho que disse aos homens que precisava primeiro dar comida

aos pequenos, antes de... então pôs cogumelos no ensopado e deu para os filhos e a mãe comerem. Levou os dois homens junto, mas eu acho que foi esse o acidente. Ela só queria ir atrás do marido. Não podia deixá-lo ali sozinho.

Eu quis lhe dizer que essa era uma interpretação um tanto dramática do que tínhamos visto. No entanto, não tinha como afirmar que ele estava errado. Ao ouvi-lo descrever o que via em pensamento, eu também vi, com toda a clareza.

– Você não sabe – falei por fim, baixinho. – Não tem como saber.

*A menos que encontre os outros homens*, pensei de repente, e pergunte a eles. Mas não falei isso.

Nenhum de nós dois disse nada por algum tempo. Pude ver que ele ainda estava pensando, mas a areia movediça do sono mais uma vez me puxava para baixo, insistente e sedutora.

– E se eu não conseguir manter você segura? – sussurrou ele, por fim. Sua cabeça de repente se moveu no travesseiro e se virou para mim. – Você e os outros? Vou tentar com todas as minhas forças, Sassenach, e não me importo se morrer fazendo isso, mas e se eu morrer cedo demais... e fracassar?

E que resposta poderia haver para essa pergunta?

– Isso não vai acontecer – sussurrei de volta.

Ele deu um suspiro e inclinou a cabeça de modo a encostar a testa na minha. Pude sentir em seu hálito um cheiro morno de ovos e uísque.

– Vou tentar fazer com que não aconteça – disse ele, e encostei a boca na sua, sentindo a maciez contra meus lábios, reconhecimento e reconforto no escuro.

Descansei a cabeça na curva de seu ombro, envolvi seu braço com uma das mãos e sorvi o cheiro de sua pele, fumaça e sal, como se ele houvesse sido curtido no fogo.

– Você está cheirando a presunto defumado – murmurei, e ele produziu um leve ruído de quem acha graça e encaixou a mão no lugar habitual, enfiada entre as minhas coxas.

Então, por fim, relaxei, e me deixei engolfar pelas pesadas areias do sono. Pode ser que ele tenha falado enquanto eu despencava na escuridão, ou pode ser que eu tenha apenas sonhado.

– Se eu morrer, não vá atrás de mim – sussurrou ele no escuro. – As crianças vão precisar de você. Fique por elas. Eu posso esperar.